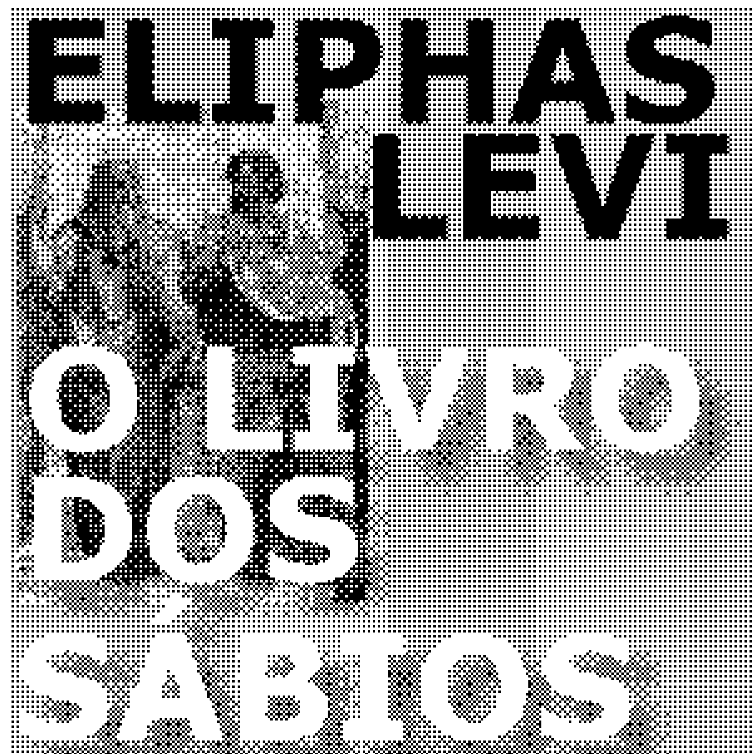


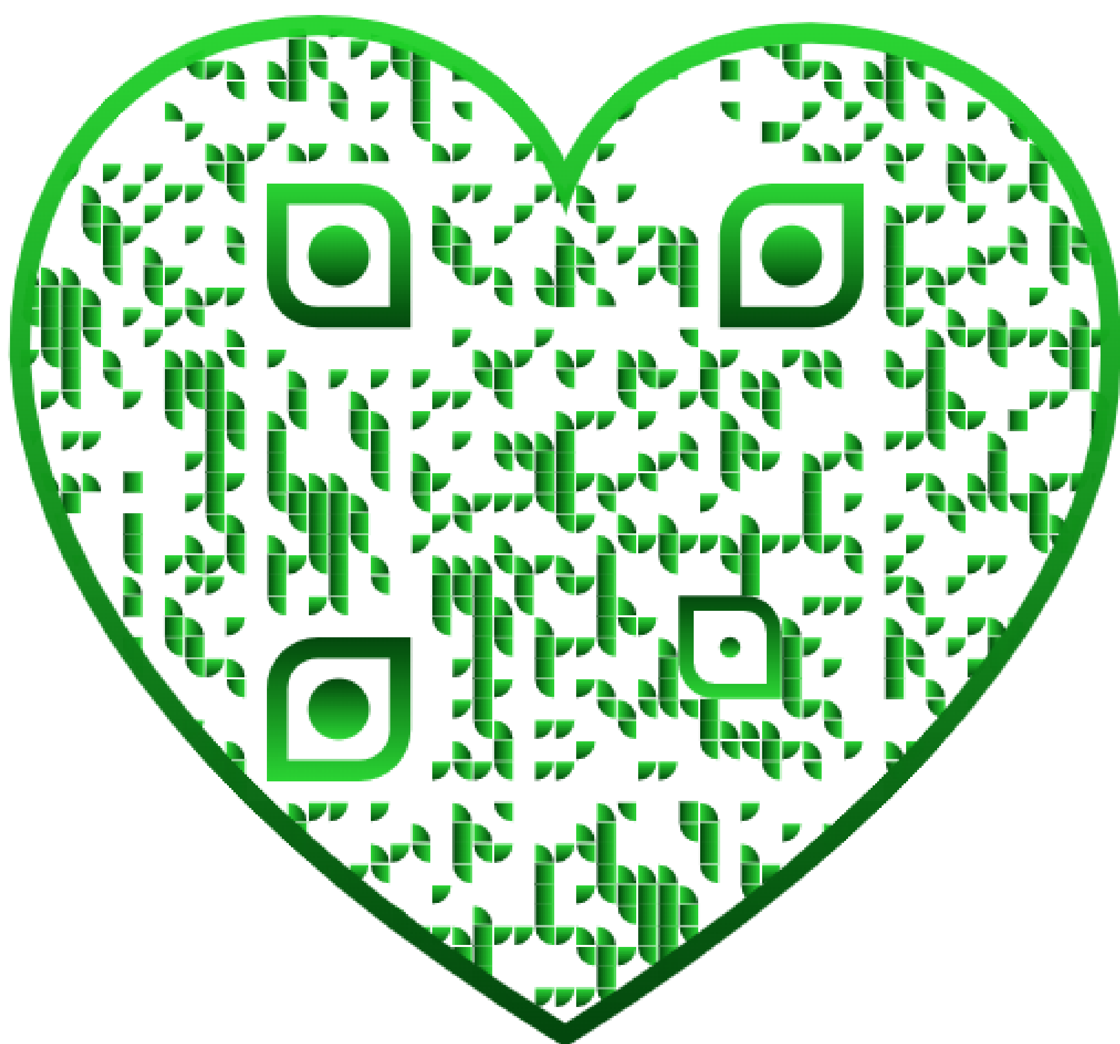
S.C.A. Sociedade das Ciências Antigas

O Livro dos Sábios (1870)

Eliphas Levi (Alphonse Louis Constant) (1810–1875)

fonte digital S.C.A. - SOCIEDADE DAS CIÊNCIAS ANTIGAS
http://www.geocities.com/Athens/2341/
Acosta1@ibm.net

versão para RocketEdition™ eBooksBrasil.com
© 2000 – S.C.A.



ÍNDICE

introdução

Prefácio da Edição Francesa de 1912
DISCUSSÃO EM FORMA DE DIÁLOGO
Primeiro Diálogo: Um Clérigo e Eliphas Levi
Segundo Diálogo: Um Filósofo e Eliphas Levi
Terceiro Diálogo: Um Panteísta e Eliphas Levi
Quarto Diálogo: Um Israelita e Eliphas Levi
Quinto Diálogo: Um Protestante e Eliphas Levi
Sexto Diálogo: Um Médico e Eliphas Levi
Sétimo Diálogo: Um Doutor e Eliphas Levi
Oitavo Diálogo: Um Sacerdote e Eliphas Levi
Nono Diálogo: Um Espírita e Eliphas Levi
Décimo Diálogo: Um Iniciado e Eliphas Levi

RESUMO GERAL – Por definições e aforismos
Capítulo I – A Religião
Capítulo II – A Moral
Capítulo III – A Natureza
Capítulo IV – O Magnetismo
Capítulo V – A Morte
Capítulo VI – Satã
Capítulo VII – Ocultismo
Capítulo VIII – A Fé
Capítulo IX – A Ciência
Capítulo X – A Ação
Capítulo XI – A Força e Seus Auxiliares
Capítulo XII – A Paz Profunda

O Livro dos Sábios



por Eliphas Levi

Introdução

Publicar o "LIVRO DOS SÁBIOS", expressa grande reverência ao Mestre que, pelo ano de 1850, começou a era da ampla e conhecida divulgação dos mistérios iniciáticos reais, os quais não haviam sido jamais publicados na Europa de forma tão clara, metódica e completa; tanto assim que, Papus, proclama com respeito e júbilo, sua admiração por Eliphas Levi, quem depois de ter verificado toda a tradição oriental, judaico-cabalística e cristã, põe de manifesto em suas obras, a identidade absoluta dos ensinamentos tradicionais, demonstra a realidade da realização mágica e deixa na mais absoluta evidência o funcionamento das leis do mundo e da relação de todos os seres: naturais, humanos e celestes, dando até o detalhe das conseqüências morais, sociais e teológicas que resultam de tão admirável explanação.

As obras de Eliphas Levi causaram, não somente um movimento de interesse nos estudos da verdade esotérica, se não que, até os Rosa-cruzes da Inglaterra, aos quais Eliphas Levi estava afiliado, "protestaram", por achar que ele havia sido demasiado claro nas suas revelações. O que o público não soube então e que, ainda hoje, poucos sabem, é que Eliphas Levi iniciava assim a ação que, alguns lustros depois, Papus comentaria com as seguintes palavras: "Sempre pode-se dizer tudo, porque somente compreenderá quem deve compreender". O "Livro dos Sábios", verdadeira Síntese de toda a realização de Eliphas Levi, é precisamente isso:

"Um Verbo Humano claro, preciso como um teorema, honesto como uma lei natural em ação, belo como uma elegia expontânea, vibrante como um hino de amor ao Criador e as suas múltiplas manifestações. Um Verbo Humano que chega a unir-se em tal forma ao Verbo Manifesto que reflete a sua Verdade, com Sua modéstia e Sua beleza." Discípulos reverentes de Eliphas Levi e de Papus, hoje, não poderíamos deixar de por em primeiro plano e de publicar em primeiro plano a obra do

Mestre que, podendo ter sido um Príncipe da Igreja Romana preferiu ser o modesto, quase miserável dono de uma banca de verduras, com cuja ocupação sintetizava a dupla condição de humildade e sacrifício, e de ocultar com anteface simbólica, sob o "homem" esquecido por todos, o SER luminoso colocado à serviço da Verdade; o Hierofante Secreto, cuja ação perdura, multiplicando-se no silêncio, como a Pedra Filosofal. Colocamos à disposição dos Homens de Desejo esta jóia do saber e da devoção.
Sociedade das Ciências Antigas

PREFÁCIO DA EDIÇÃO FRANCESA DE 1912

(Chez Charconac – 11 Quai Saint-Michel – Paris) "Dedicado ao meu amigo, o Barão Spedalieri"

Este livro contém os princípios e os elementos dessa terceira revelação, que o conde Joseph de Maistre dizia ser necessário para o mundo. Esta terceira revelação não pode ser senão a explicação e a síntese das outras duas. Ela deve conciliar a ciência e o dogma, a autoridade e a liberdade, a razão e a fé. Nós preparamos a semente, outros a semearão. Quem escreveu estas páginas está longe de achar-se um profeta. Vê a verdade e a escreve. Sua autoridade é a evidência, e sua força é a razão. Fala para os sábios e espera o escárnio e o desdém dos loucos.

Escreve para os fortes e não será lido pelos fracos, aos quais inculcará o medo às suas doutrinas.

Este livro está dividido em duas partes; a primeira, contém diálogos que reúnem toda a polêmica religiosa e filosófica do presente século. A segunda, contém definições e aforismos. Não há aqui nem flores de retórica, nem frases. Há duas coisas eternas, e só elas, tem preocupado o autor: a justiça e a verdade.

ELIPHAS LEVI

DISCUSSÃO EM FORMA DE DIÁLOGO
PRIMEIRO DIÁLOGO
UM CLÉRIGO e ELIPHAS LEVI

O CLÉRIGO — Tuas pretensas ciências vêm do inferno e tuas razões são blasfêmias.

ELIPHAS LEVI — Não sei se tua ignorância vem do céu, porém, tuas razões assemelham-se muito às injúrias.

O CLÉRIGO — Eu chamo as coisas pelo seu nome; pior para ti se estes nomes te resultam injuriosos. Como tu, que tendo saído da Igreja, que procurando ajudar a impiedade a minar em sua base seu edifício eterno, tens o louco orgulho de crer que ela vacila sob os golpes de teus semelhantes; e para o cúmulo do ultraje, estendes, para sustentá-la, tua mão sacrílega?

Não temas a sorte de Oza, a quem Deus castigou mortalmente, porque, com intenção melhor que a tua e com mãos talvez mais puras, quis sustentar a arca Santa?

ELIPHAS LEVI — Detenho-te aqui, Senhor; citas a Bíblia sem compreende-la e preferiria em teu lugar, compreendê-la sem citá-la. A morte de Oza, da qual me falas, assemelha-se um pouco ao trágico fim dos quarenta e dois meninos devorados pelos ursos por terem-se rido do profeta Eliseu, que era calvo. Felizmente, diz Voltaire à este respeito, não existem ursos na Palestina.

O CLÉRIGO — Então a Bíblia é um tecido de mentiras e ris dela como Voltaire?

ELIPHAS LEVI — A Bíblia é um livro hierático, ou seja, sagrado; está escrita em estilo sacerdotal, misturado com histórias e alegorias.

O CLÉRIGO — Somente a Igreja tem o direito de interpretar a Bíblia. Crés na sua infalibilidade?

ELIPHAS LEVI — Sou da Igreja e não tenho dito e nem escrito nada que seja contrário aos meus ensinamentos.

O CLÉRIGO — Admiro tua desenvoltura. Não és um livre pensador? Não crês no progresso? Não admites as temeridades da ciência moderna que dá todos os dias desmentidos à Santa Escritura? Não acreditas na antigüidade indefinida do mundo e na diversidade, seja simultânea, seja sucessiva das raças humanas? Não consideras como mito ou fábula, o que é a mesma coisa, a história da maçã de Adão, sobre a qual fundamenta-se o dogma do pecado original? Porém, tu sabes bem que então tudo se derruba, não mais revelação nem encarnação, pois todo o cristianismo não tem sido mais que um longo erro; a Igreja não pode se manter senão prescrevendo o bom senso e propagando a ignorância? Admites isto e ousas chamar-te católico?

ELIPHAS LEVI — Que quer dizer a palavra católico? Não quer dizer universal? Creio no dogma universal e me cuido das aberrações de todas as seitas particulares. Suporto-as porém, na esperança

de que o progresso se cumprirá e de que todos os homens se reunirão na fé das verdades fundamentais; o que tem-se cumprido já naquela sociedade conhecida em todo o mundo, chamada franco-maçonaria.

O CLÉRIGO — Ânimo Senhor, tiras a máscara por fim, completamente; és sem dúvida Franco Maçom e sabes perfeitamente, que os Franco-Maçons acabam de ser excomungados recentemente, pelo Papa.

ELIPHAS LEVI — Sim, o sei; e, desde então, tenho deixado de ser Franco-Maçom, porque os Franco-Maçons excomungados pelo Papa, não acreditavam que deviam tolerar o catolicismo. Tenho me separado deles, para resguardar a minha liberdade de consciência e para não me associar as suas represálias, talvez desculpáveis, se não legítimas; porém, seguramente inconseqüentes, já que a essência da Maçonaria é a tolerância à todos os cultos.

O CLÉRIGO — Queres dizer, a indiferença em matéria de religião?

ELIPHAS LEVI — Dizes em matéria de superstições.

O CLÉRIGO — Oh! Sei que para ti, a Religião e a superstição são uma só e mesma coisa.

ELIPHAS LEVI — Creio, pelo contrário, que são duas coisas opostas e inconciliáveis, tanto que, aos meus olhos, os supersticiosos são ímpios. Quanto à religião, não há mais que uma. E não tem havido nunca, senão uma verdadeira. É a esta que chamo verdadeiramente de Católica ou universal. Um muçulmano pode praticá-la como o tem demonstrado muito bem o emir Abd-el-Kader, quando salvou os Cristãos de Damasco. Esta religião é a Caridade; o símbolo da caridade é a Comunhão; e o oposto da comunhão é excomunhão; comungar é evocar a Deus, excomungar é evocar ao diabo.

O CLÉRIGO — É por isto que tens o diabo no corpo, pois com certeza, semelhantes doutrinas fazem de ti um excomungado.

ELIPHAS LEVI — Se eu tivesse o diabo, serias tu quem me o teria dado, e eu não seria, por certo, bastante mau para devolvê-lo a ti; tratá-lo-ia como os comerciantes tratam as falsas moedas, que pregam-nas no seu balcão para retirá-las de circulação.

O CLÉRIGO — Não quero escutar-te mais. És um extravagante e um ímpio.

ELIPHAS LEVI — (Rindo). Sabes tudo a meu respeito! E falas coisas das quais estou longe de suspeitá-las em mim; não sou tão sábio e não direi o que és. Faço-te observar, somente que o que me dizes, não é nem caritativo nem cortês.

O CLÉRIGO — És um dos mais perigosos inimigos da Igreja.

ELIPHAS LEVI — É o senhor de Mirville que tem dito isto. Porém, eu responderei à ele, como à ti, com estes versos do nosso bom e grande La Fontaine:

NADA É MAIS PERIGOSO DO QUE UM AMIGO IMPRUDENTE;
MAIS VALERIA UM INIMIGO SÁBIO

SEGUNDO DIÁLOGO

UM FILÓSOFO e ELIPHAS LEVI

O FILÓSOFO – (Entrando) — Que fazias com aquele energúmeno?

ELIPHAS LEVI — Nada muito bom, creio; teria apreciado poder acalmá-lo, no entanto, só consegui enraivecê-lo ainda mais.

O FILÓSOFO — Também, que tens a fazer com semelhante gente? E porque obstinas em declarar-te ainda católico? Alijas-te de ti os livres pensadores e os católicos te desprezam.

ELIPHAS LEVI — É um mal entendido.

O FILÓSOFO — Do qual és a causa. Porque te obstinas em dizer "cachorro" quando se trata de "gato"?

ELIPHAS LEVI — Não creio ter me permitido semelhantes excentricidades de linguagem; chamo as coisas pelo seu nome, porém tem me acontecido ver cachorros e gatos que se entendem maravilhosamente.

O FILÓSOFO — Isto nada prova em favor de teu sonho que é um acordo impossível entre a religião e a ciência, entre a autoridade dogmática e a liberdade de exame.

ELIPHAS LEVI — Porque impossível?

O FILÓSOFO — Porque a religião é o sonho que quer fazer a lei para a razão; é o absurdo que se impõe com a obstinação da loucura; é o orgulho da ignorância que, para se crer sobrenatural, inventa virtudes contra a natureza; é Alexandre VI posto no lugar de Deus; é a chave do céu colocado nas mãos sangrentas dos inquisidores.

ELIPHAS LEVI — Não, a religião não é nada disso; a religião é a fé, a esperança e a caridade.

O FILÓSOFO — À que chamas fé?

ELIPHAS LEVI — A fé é a afirmação do que deve ser; e, a aspiração confiada no que é bom esperar.

O FILÓSOFO — Vamos sair das nuvens, se permites. Dizes católico; pois bem, sabes o que é um católico?

ELIPHAS LEVI — Católico quer dizer universal; um católico é aquele que se religa às crenças universais, ou seja, à religião única, cujo fundo encontra-se nos dogmas de todos os povos e de todos os tempos.

O FILÓSOFO — Não senhor, um católico, de acordo com Veuillot, a quem Roma não condena, é aquele que crê que Jesus Cristo é o único Deus e que fala pela boca do Papa.

ELIPHAS LEVI — Deixemos Veuillot e raciocinemos.

O FILÓSOFO — Não, já que falamos de religião, bem sabes que, segundo um padre da Igreja, muito autorizado, o objeto da crença é o absurdo.

ELIPHAS LEVI — O infinito não é absurdo? Entretanto, a ciência está obrigada a acreditar nele. O eterno acercamento de duas linhas que jamais se tocarão, não é por acaso um absurdo?; sem dúvida, a geometria se vê obrigada a admiti-lo. Existem absurdos de duas espécies: uns são senão aparentes e são aqueles que vem de uma falha da nossa inteligência; outros são evidentes: as afirmações contrárias às verdades demonstradas; agora, a religião não nos obriga a aceitar estas últimas.

FILÓSOFO — Não entremos no labirinto de teus mistérios. O dogma emaranhado à gosto de teus teólogos, me daria fáceis possibilidades de controvérsia; porém, estas antigalhas estão abandonadas hoje em dia, que não nos preocupamos mais com elas, nem mesmo para rir. Resumindo, o Cristianismo está superado pelo progresso há tempos; e se queres pôr vinho novo em teu odre velho, perderas o odre e o vinho! Deixa o velho catolicismo morrer em paz; ele não te aceita; és para ele um renegado e um sacrílego; tens o valor de teu livre pensamento e deixa aos mortos sepultar os mortos. Fazer ridículos esforços para conciliar a civilização moderna é o "syllabus"; e na verdade, que isto deve matar àquilo. Queres conciliar Polichinelo e a Força; porém Polichinelo não quer ouvir falar desta e pensas em enforcar ele mesmo, ao verdugo, não importando os arranhões do gato. Perdoa-me se sou pouco sério; é porque na verdade, tua fé de expedientes e de preconceitos não é séria; ela exagera o absurdo para aumentar seus malabarismos. Pode ser muito bonita, porém isso não é útil à ninguém e se torna muito molesta para ti.

ELIPHAS LEVI — Deixemos de lado meus interesses pessoais, não os tenho e não quero ter outros a não ser os da verdade.

O FILÓSOFO — Pois bem. A verdade, a verdade evidente para qualquer pessoa de boa fé, é que não existe relação universal, e as religiões devoram-se entre si. Todos os sectários afirmam que Deus lhes tem falado, porém, bem sabes que Deus não fala nunca senão que pela boca de seus sacerdotes, que se amaldiçoam uns aos outros e não estarão, de acordo jamais. Queres conservar o dogma e suprimir o sacerdote, porém eles se equilibraram entre si e até se suportam mutuamente. Deus é o sacerdote do céu, assim como o sacerdote afirma ser Deus na terra. Dispensas ao sacerdote; ele levará seu Deus e te provará que és ateu.

ELIPHAS LEVI — Eu não quero dispensar a ninguém, senão que desejaria iluminar a todos.

O FILÓSOFO — Talvez, até aos sacerdotes?

ELIPHAS LEVI — Sobretudo aos sacerdotes, porque lhes devo a minha primeira educação.

O FILÓSOFO — Não o digas; pois, nota-se bastante. Entre eles é que aprendestes às conciliações jesuíticas e às asserções com segundas intenções.

ELIPHAS LEVI — Eu escrevo sobre ciências ocultas.

O FILÓSOFO — Entendo, e acreditas que tens que ocultar teu pensamento; porém, haveria um meio bem simples para ocultá-lo; seria o de não escrevê-lo.

ELIPHAS LEVI — E de não falar; porém, então eu não teria a vantagem de discutir hoje contigo.

O FILÓSOFO — Eu não discuto as tuas crenças, condeno-as em nome da ciência e do progresso.

ELIPHAS LEVI — Mas como! Até a minha crença em Deus, na imortalidade da alma, na solidariedade entre todos os homens e no espírito da caridade?

O FILÓSOFO — Estas são, talvez, idéias respeitáveis; porém, que não existem e não poderiam existir para a ciência, pois não são nem demonstráveis nem demonstradas.

ELIPHAS LEVI — De forma que, não acreditas em nada?

O FILÓSOFO — Perdoa-me; creio na natureza, na ciência e no progresso.

ELIPHAS LEVI — Tuas crenças, são as minhas; não se trata senão de nos entendermos; e, antes de outra coisa, o que é a natureza para ti?

O FILÓSOFO — Força e matéria.

ELIPHAS LEVI — Como? Sem espírito?

O FILÓSOFO — O espírito é a força diretriz.

ELIPHAS LEVI — Muito bem, não te peço mais; acrescentarei só "evocadora" e teremos encontrado a Deus.

O FILÓSOFO — Deus, sempre Deus! Não posso sentir esta palavra, ela não pertence à ciência.
ELIPHAS LEVI — É verdade, pertence à fé; porém, a ciência não pode prescindir-se dela.
O FILÓSOFO — É o que eu nego.
ELIPHAS LEVI — Sim, sem poder provar a força da tua negação.
O FILÓSOFO — A ti cabe provar, já que afirmas.
ELIPHAS LEVI — Afirmo que a fé existe e que ela está na natureza do homem. Afirmo que a fé é razoável, dado que a ciência está limitada. Afirmo, por fim, que a fé é necessária, porque, como tu, acredito no progresso. Sem a fé, a ciência não leva senão à dúvida absoluta e ao desgosto por todas as coisas. Sem a fé, a vida não é senão um sonho, que terminará, sem o despertar, no nada. Sem a fé, os afetos são vazios, a honra não é mais do que engano, a virtude, mentira; e, a moral, decepção. Sem a fé, a ciência não é mais do que o despotismo das riquezas; a igualdade é impossível e a fraternidade não existe. "Filósofos do ateísmo, partidários da força cega e da matéria motriz, vós não sois homens de progresso. À um de nossos mestres, no século passado, já fizestes rir; chamava-se Lamatthie e era um dos médicos do rei da Prússia. É triste vos ver malgastar tanto espírito para provar que sois bests." Digo-te senhor, não poderias ser dirigido, pois credes na força inteligente e no progresso. A força inteligente é o espírito e o progresso é a imortalidade.
O FILÓSOFO — Tudo isto não está demonstrado, Porém o que é evidente para ti não o é para mim?
ELIPHAS LEVI — Estendo-te a mão e separemo-nos como bons amigos.
O FILÓSOFO — Adeus, pois!
ELIPHAS LEVI — Sim, à Deus! Pois pretendes não crer em Ele apesar de que o invocas sem pensar.

TERCEIRO DIÁLOGO
UM PANTEÍSTA e ELIPHAS LEVI

O PANTEÍSTA — É impossível conceber um Deus que seja outra coisa que a universidade dos seres.
ELIPHAS LEVI — Muito bem. És um discípulo de Espinoza, e te direi, no entanto, que nunca existiu e que não existe outro Espinoza senão que a coleção das obras deste filósofo.
O PANTEÍSTA — Esta é uma brincadeira de mau gosto. Bem sabemos que são homens que fazem os livros e que os "in-folio" não gravitam por si mesmos no espaço. Porém, não acontece o mesmo com os mundos; a lei fatal do movimento equilibrado os produz e pode destruí-los nas revoluções necessárias do Universo eterno.
ELIPHAS LEVI — Assim o nosso universo é fatal; é, por conseqüência, cego e surdo como a fatalidade. Como, pois, pode dar-nos a inteligência que não possui?
O PANTEÍSTA — O universo é inteligente e é por isso que o chamo de Deus.
ELIPHAS LEVI — Acreditas que no homem é o corpo o que produz o fenômeno do pensamento?
O PANTEÍSTA — Sinto o pensamento em minha cabeça e sei que ele se produz no meu cérebro.
ELIPHAS LEVI — Sim, como a música sobre um violino.
O PANTEÍSTA — Oh, vamos devagar! Queres dizer que nossa alma serve-se do cérebro como de um instrumento; porém, este instrumento só os anatomistas conhecem seu mecanismo? A criança que começa a pensar nem sequer sabe que possui um cérebro e não se imagina em utilizar suas fibras e seus recursos. O cérebro funciona, pois, por si mesmo, sob o duplo impulso da natureza e da vida.
ELIPHAS LEVI — O sentido, comum assegura-nos que, nosso cérebro é alguma coisa, porém não é alguém. É algo do qual alguém determinou a forma e o uso e, se existem instrumentos que parecem tocar sozinhos, estes instrumentos não revelam senão a existência de um mecânico hábil e de uma música que o instrumento não inventa.
O Panteísta — Penso que é como dizes, porém, para mim, o grande mecânico e o músico das harmonias da natureza, é o imenso, o eterno universo, que é pela própria necessidade de ser, que é infinito, ao qual atribuís as funções inúteis do Criador. A palavra criação, por outro lado, é um absurdo; sim se supõe que do nada pode sair algo; a substância é uma, infinita, eterna; as criações sucessivas e expontâneas não são mais que manifestações de aparências; combinações físicas; todas as ciências naturais tendem hoje a demonstrá-la. Tu mesmo estas constrangido em admiti-lo e não acreditas já no Deus despótico e caprichoso da Idade Média; no Deus inimigo da natureza, no Deus da vingança e dos milagres. Consideras a Deus como a alma do universo, a alma diferente do corpo, dizes; porém, inseparável, acrescentarei, já que Deus não pode morrer. Sem o fenômeno da morte que deixa o corpo inerte e gelado, o homem seria indivisível e não se diferenciaria sua alma do seu corpo. Não é, com efeito, a alma só que vive; é todo o homem, inteiro; e o pensamento é a luz da vida. Não diferenciamos, pois, a alma do universo, do universo mesmo; o universo é o grande todo,

inteligente e visível. Quando pensa, se lhe chama espírito, quando toma uma forma é matéria; porém, a matéria e o espírito não são dois seres, são duas formas de existência. A substância eterna e infinita é a gênese do pensamento e da forma; não fora de si mesma onde não existe nada, senão em si mesma e por si mesma. É a isto que chamamos Deus.

ELIPHAS LEVI — Deixei que falasses e penso como tu sobre muitos pontos; porém, não admitirei jamais que Deus seja o universo, porque isto me devolveria à idolatria dos séculos ignorantes em que adorava-se o Sol e a Lua; tudo é de Deus, com certeza, porém, tudo não é Deus e a liberdade humana não deve deixar-se absorver pela grande fatalidade Divina que pareces admitir. Se tudo fosse Deus, o homem não seria responsável por nada e a moral seria uma quimera. Que idéia, então, nos caberia a Sabedoria Divina, os erros e as tolices humanas? Se entretanto fossemos absurdos, Deus seria ridículo. Deus mesmo seria o autor do mal e assim negar-se-ia a si mesmo; ou, a palavra de Deus não teria já sentido razoável. Deixemos ao deus Pan dos antigos, suas flautas e seus cornos. Quando Jesus, morrendo sobre a Cruz, tinha proclamado a inviolabilidade da consciência humana e a liberdade da fé, confirmada pelo direito ao martírio, um piloto misterioso, chamado Thamuz, gritou às ilhas que o grande Pan havia morrido e escutaram-se vozes confusas que choravam o gigante da mitologia antiga. Deus, na humanidade, acabava de triunfar sobre a fatalidade e sobre a morte e a humanidade volta-se Divina, não por usurpação sacrílega ou por confusão das naturezas, senão por uma sublime aliança.

O PANTEÍSTA — Detém-te e não prolongues estas frases de sermão. És livre para elogiar ainda o Cristianismo; porém, ele é o que agora está morto e o grande Pan ressuscitou. O Cristianismo foi uma doença do espírito humano e faltou pouco para que a nossa pobre terra se tornasse uma morada de loucos; a demência da fé cega colocada acima da ciência e da razão, a dor preferida ao prazer, a miséria à riqueza, o celibato contra a natureza esgotando as fontes da fecundidade, o fanatismo feroz se impondo pelo ferro e o fogo, a autocracia dos sacerdotes, o embrutecimento dos homens, a miséria dos povos; eis aí o Cristianismo. Ele é julgado pelas suas próprias armas.

ELIPHAS LEVI — Assim, segundo tu, fez-se bem em crucificar a Jesus Cristo, e se Nero tivesse conseguido extirpar o Cristianismo, teria sido ele o verdadeiro salvador do mundo?

O PANTEÍSTA — Nada prova a existência histórica de Jesus Cristo. O Cristianismo é uma corrente de idéias que não provém de um só homem e tu mesmo tens afirmado e provado que o Cristo dos Evangelhos é uma figura simbólica do homem liberado dos servidões legais, sacrificando-se livremente pelo triunfo da verdade e da justiça. Segundo o mito sagrado, seu sacrifício era necessário para a salvação do mundo e os que o crucificaram foram os executores da alta justiça de Deus. No que se refere a Nero e a outros perseguidores, são universalmente condenados pela consciência humana. A verdade não deve impor-se pelo temor, deve provar-se pela razão; porém, os pagãos, os judeus e os cristãos foram todos igualmente fanáticos; e, de vítimas que foram desde o começo, tornaram-se verdugos desde o momento em que puderam sê-lo com impunidade. Nero não é mais espantoso do que São Domingos; Torquemada e Domiciano; e ainda há gente que chora a ausência das dragonadas. Conheces, por outro lado, a célebre máxima atribuída ao rei Luiz Felipe: "A responsabilidade só existe quando não se triunfa".

ELIPHAS LEVI — Aceito esta máxima. Que é, com efeito, uma coisa conquistada? É a coisa bem feita. Fazer bem é triunfar; e, aquele que não triunfa, é mais ou menos responsável por sua torpeza. As coisas, na realidade, estão de tal forma ordenadas pela Sabedoria Suprema que o mal não poderia ter um êxito real e durável, e que o bem, apesar de todas as demoras e de todos os obstáculos, chega sempre a seu fim. Falas do mal que se produziu a propósito do Cristianismo. Este mal passou em parte, e o que dele resta, passará. Porém, o bem ficou e ficará. Não é em nome de Torquemada, e sim em nome de Vicente de Paula que as irmãs de Caridade cuidam dos pobres órfãos. Alexandre VI não publicou jamais uma constituição apostólica justificando o envenenamento e o incesto. A religião é santa, os homens é que são maus.

O PANTEÍSTA — Não, senhor, os homens não são maus. Falando assim, calunias a tua mãe; a santa e divina natureza; porém reflete e te ressentirás de tua deplorável educação clerical. Sabes o que tornava mau Alexandre VI? É que ele se achava o vigário e o representante de Deus, que queima eternamente seus inimigos; no entanto os inimigos do Papa, aos olhos do Papa, não são os inimigos de Deus? O veneno dos Bórgias era uma pena muito doce comparada com os suplícios do Inferno; e, quem sabe se este indulgente vigário de J. O. não dava indulgências para o outro mundo às suas garrafas de vinho de Siracusa. Diz-se que envenenava as hóstias; era uma forma de torná-las ativamente indulgentes para a boa morte; não era ele o mestre dos mestres e o rei dos reis? Não era ele infalível, o que quer dizer, certamente, impecável? Ah! não nos fales de tuas perniciosas crenças; elas conduzem à apoteose de um novo Nero, sempre que este, no lugar da coroa dos Césares, leve a tiara dos pontífices. Não canonizaste o horrível e sangrento Chisleri? Vosso Veuillot não verte ainda

lágrimas de crocodilo sobre a abolição dos autos de fé? Oh! se esta gente retomasse por um instante o poder, como nos arrojariam a todos com nossos filhos e nossas mulheres, sob as rodas do carro carcomido que arrasta ainda seu implacável Jaggrenat! Não te declares mais católico; tu que és um livre pensador, ou cuidas que a santa inquisição de Roma não te peça conta de tuas obras! Deixa esse Vaticano do qual os deuses partiram há muito tempo, de onde até os ratos começam a fugir e sobre o qual se formam, desde a vitória de Mentana, nuvens de corvos e de abutres.

ELIPHAS LEVI — Alto lá, senhor! Se há corvos no Vaticano, há também águias. É a França que tem à Roma, e Roma tarde ou cedo, deverá contar com a França que marcha, como o sabes, à cabeça da civilização e do progresso. Segundo os sectários de Veuillot, que os abandonou, o Papa seria a reação e a compreensão divinizada; porém, não será assim. O Papa será ou não será; eu acredito que deve ser e que não pode ser senão o Evangelho coroado.

O PANTEÍSTA — Estas ainda nisto e não vês que o Evangelho foi superado há muito tempo pelo bom senso e pela ciência. Existem coisas boas no Evangelho, bem o sei; é a boa semente misturada à ancinho. Porém, há também ensinamentos bárbaros e doutrinas deploráveis, assim, perdoar a seus inimigos para que Deus os castigue ainda mais; não resistir ao mal; odiar seu pai e sua mãe, odiar-se a si mesmo, o que dá um sentido estranho ao conceito de amar ao próximo como a si mesmo; alentar a preguiça pela esmola e a injustiça pelo abandono voluntário do que de ti se quer roubar; preferir o isolamento estéril à vida familiar, odiar ao mundo e fazer-se odiar por ele; pois bem, o mundo, no sentido do Evangelho, é a sociedade dos homens. Matar ante o rei, ou melhor, ante Deus àqueles que não querem que seu filho, ou seja, Jesus Cristo, representado pelo Papa, reine sobre eles; abjurar da sua razão, quebrantar seus efeitos, adorar a humilhação e a dor, eis aqui o fundo destes evangelhos, tão insípidos; o resto, ou seja, os preceitos verdadeiramente morais, pertencem à filosofia de todos os séculos. Eis aí, o fundo da religião Cristã, na verdade; um homem razoável não pode hoje nem defender publicamente nem admitir em segredo, semelhante religião! O catolicismo deixou de ser uma Igreja; é uma seita e a mais horrível de todas as seitas. Até o protestantismo já não tem razão de ser e vai dissolvendo-se dia a dia no panteísmo que é a única religião universal e verdadeira.

ELIPHAS LEVI — Muito bem. Então tudo é Deus, eu sou Deus, tu és Deus, a tolice é Deus, o crime é Deus e por conseguinte, segundo tu, até Veuillot é Deus; o clericalismo é Deus e o Papa é Deus.

O PANTEÍSTA — Nada de brincadeiras indignas de ti. Deus é a afirmação e não a negação de todas as coisas; é o que é e não o que pretende ser; é a verdade e não a mentira: não tendes dito tu mesmo que o mal não tem existência real?

ELIPHAS LEVI — Absolutamente, sem dúvida! Porém, há no relativo uma existência demasiado real, já que opera contra o bem. Logo, esta ação, segundo tu, vem de Deus?

O PANTEÍSTA — Sim, como a tua sombra vem do teu corpo e como as doenças vêm da saúde.

ELIPHAS LEVI — Então teu Deus esta enfermo quando os homens fazem o mal; e, quando dizem mentiras é o espírito de Deus que lhes empresta a sua sombra?

O PANTEÍSTA — A luz precisa da sombra para produzir as formas visíveis, e o que chamas de mal é necessário para o triunfo do bem. Deus faz sombra para manifestar sua luz e não se mostra como luz senão para justificar sua sombra; eis aqui o que quer dizer o vosso mistério de redenção, eis aqui a razão de ser do diabo, que é a máscara de sombra da face esplêndida de Deus, eis aqui o equilíbrio do céu e do inferno, eis aqui o Satã do livro de Job recebendo do mesmo Deus a missão de atormentar ao justo; eis aqui porque teus símbolos relatam que Jesus Cristo desceu aos infernos?

ELIPHAS LEVI — Então, há mais culpáveis? Todos os homens são inocentes; os anjos das trevas são os servidores da máscara Divina, a penalidade é uma injustiça, a moral é uma trapaça estendida aos débeis para fazê-los escravos dos fortes, os malvados são os mais poderosos auxiliares da virtude e o justo lhes deve suas coroas? Não sentes, senhor, que a doutrina tão monstruosa é subversiva de toda ordem e que, por conseguinte, é contrária a toda verdade, porque a ordem é a verdade e o que é desordem é a mentira?

O PANTEÍSTA — O que dizes provêm do teu sistema de ocultismo, porém, no fundo pensas como eu.

ELIPHAS LEVI — Protesto! Pelo contrário. Creio em Deus, causa de tudo e não confundo a causa com o efeito. Creio na liberdade do homem e por conseguinte na sua moralidade. Concedo-te todo o resto.

QUARTO DIÁLOGO

UM ISRAELITA e ELIPHAS LEVI

O ISRAELITA — Tendo ouvido a tua conversa com esse ateu, constato com prazer que liquidas os erros do cristianismo.

ELIPHAS LEVI — Sim, sem dúvida; porém, é para defender suas verdades com maior energia.

O ISRAELITA — Quais são as verdades do cristianismo?

ELIPHAS LEVI — As mesmas que as da religião de Moisés, mais os sacramentos eficazes com a fé, a esperança e a caridade.

O ISRAELITA — E mais ainda a idolatria; ou seja, o culto que devido a Deus, rendido a um homem e até à um pedaço de pão. O sacerdote colocado no lugar do próprio Deus e condenando ao inferno aos Israelitas, ou seja, os adoradores do verdadeiro Deus e os herdeiros da sua promessa.

ELIPHAS LEVI — Não, filho dos nossos pais; nós não pomos nada no lugar de Deus. Cremos, como tu, que sua divindade é única, imutável, espiritual e não o confundimos com as suas criaturas. Adoramos a Deus na humanidade de Jesus Cristo e não à essa humanidade no lugar de Deus. Existe entre nós um mal entendido que dura muitos séculos e que tem feito derramar muito sangue e muitas lágrimas. Os pretensos Cristãos que te perseguiram eram fanáticos e ímpios, indignos do espírito daquele Jesus que perdoou aos que o crucificaram e morreu dizendo: "Perdoai-os, meu pai, pois não sabem o que fazem". Nosso dogma, por outro lado, não começa com Jesus Cristo; ele está contido completamente nos mistérios da Cabala, cuja tradição remonta-se até ao Patriarca Abraão. Nosso Homem-Deus é o tipo humano e divino do Zohar realizado num homem vivo. Nosso Verbo encarnado chamado Logos por Platão e por São João, O Evangelista, quer dizer: razão manifestada pela palavra; chama-se Hochmah na doutrina das Sefirots.

O ISRAELITA — Interrompo-te aqui e de claro que, entre nós, a Cabala não é autor idade. Não a conhecemos mais, porque foi profanada e desfigurada pelos Samaritanos e pelos Gnósticos Orientais. Maimônides, uma das grandes luzes da sinagoga, considera a Cabala como inútil e perigosa; não quer que nos ocupemos dela; quer isto sim, que nos atenhamos ao símbolo, do qual ele mesmo formulou os treze artigos no Sefer Thorá, aos profetas e ao Talmud.

ELIPHAS LEVI — Sim, porém o Séfer Thorá, os profetas e o Talmud são ininteligíveis sem a Cabala. Direi mais: estes livros sagrados são a própria Cabala escrita em hieróglifos hieráticos, ou seja, em imagens alegóricas. A escrita é um livro fechado sem a tradição que a explica; e, a tradição é a Cabala.

O ISRAELITA — Heis aí o que nego. A tradição é o Talmud.

ELIPHAS LEVI — Dizes que o Talmud o véu da tradição; a tradição é o Zohar.

O ISRAELITA — Podes prová-lo?

ELIPHAS LEVI — Sim, se tiveres a paciência de escutar-me; pois teria que razoar bastante, citar e comparar autores, apreciar o que dizem Franck e Drach, dois sábios cabalístas que não estão de acordo; explicar o Gêneses e Ezequiel, buscar neste último a chave do Apocalipse de São João, analisar a Mischna e ver em que difere essencialmente da dos Gemarah, aplicar aos sete primeiros capítulos do Gêneses as chaves alfabéticas e numéricas do Sefer Yetzira, voltar aos livros dogmáticos do Zohar, estudar a fundo o Siphra Di-Tzeniutha com as explicações do grande e pequeno Sínodo. Tudo isto leva tempo, que, te dedicaria com boa vontade se esperasse ser-te útil e pediria uma atenção longa e contínua, que seguramente, não ma darias.

O ISRAELITA — Porque?

ELIPHAS LEVI — Porque não sou um rabino, nem sequer um Israelita; pelo menos, como o acreditas.

O ISRAELITA — Como o creio! E estou bem seguro disso.

ELIPHAS LEVI — É inútil que fale por mais tempo, pois escutar-me-ias com uma desconfiança que aumentaria com a mesma força das minhas razões. És ainda por demais judeu! Venha visitar-me quando duvidares da tua religião que te mostrarei a nossa.

QUINTO DIÁLOGO

UM PROTESTANTE e ELIPHAS LEVI

O PROTESTANTE — Senhor, escreveste isto em um de teus livros: "Eu sou mais católico que o Papa, mais protestante que Lutero". Qual pode ser o sentido destas estranhas palavras?

ELIPHAS LEVI — Isto quer dizer que considero como admissíveis à comunhão universal todos àqueles a quem o Papa excomunga e que protesto contra as fantasias dogmáticas de teu mestre, Martin Lutero.

O PROTESTANTE — Pretenderias então fundar uma nova seita?

ELIPHAS LEVI — Pelo contrário; desejaria fundir todas as seitas em uma fraternal unidade.

O PROTESTANTE — Podes acreditar que o Papa te aprovará?

ELIPHAS LEVI — O Papa não me censurou ainda.

O PROTESTANTE — E se ele censurasse?

ELIPHAS LEVI — Eu aprovaria sua censura de antemão.

O PROTESTANTE — Então ris dele e de nós?

ELIPHAS LEVI — Não rio de ninguém. A Igreja Romana tem declarado que a razão é inseparável da fé, que se pode e se deve levar aos homens a fé pela razão e eu não falo outra coisa; não é, pois, o fundo da minha doutrina que o Papa poderia censurar, senão só algumas revelações dos mistérios do ocultismo, que poderia achar perigosas e intempestivas.

O PROTESTANTE — Teria, por certo, muita razão. Porque misturas continuamente a religião e as ciências ocultas? Anuncias livros de magia e escreves livros de religião. Que podem ter em comum a Bíblia e o Grimório?

ELIPHAS LEVI — Os Grimórios compõem-se de evocações e de orações, supõe um dogma e contém um ritual; as ciências ocultas têm como ponto de partida uma teologia secreta que é a Cabala; elas iniciam nos mistérios de uma taumaturgia cerimonial análoga aos sacramentos da Igreja; vês pois, que não se podem ensinar as ciências ocultas sem falar-se muito da religião.

O PROTESTANTE — Porque escolheste a proclamas como a melhor, entre todas as religiões, aquela que mais energicamente condena a magia?

ELIPHAS LEVI — Porque é a única que é incontestavelmente dogmática e realmente taumatúrgica; porque a religião romana é a magia hierarquicamente constituída que reprova e deve reprovar os feiticeiros como competidores sem diploma; porque só os sacerdotes católicos são verdadeiros encantadores, evocando ao próprio Deus e forçando-o a descer das suas alturas, devolvendo a inocência aos culpáveis, apagando com uma palavra as sentenças de morte eterna, abrindo e fechando a seu gosto o céu e dispondo da eternidade.

O PROTESTANTE — As coisas que admiras na Igreja Católica são precisamente aquelas que a tornam abominável; seus sacerdotes não são, para nós, mais que os encantadores do Faraó, e ao invés de viver com eles, preferimos sofrer com Israel no deserto.

ELIPHAS LEVI — Tens o cetro de Moisés? Temo que um bom dia te encontres sem Deus e que por fadiga de uma religião sem eficácia, dançarás como tantos outros em torno do bezerro de ouro. Vê ao que chegou a Inglaterra; enjoa-se mortalmente em meio das suas riquezas e o pauperismo a corroe. A Alemanha pode muito bem expandir-se: não converterás jamais o mundo inteiro ao culto do "chucrut" e da cerveja, sua nebulosa filosofia; passando por Kant e por Hegel, chegou a uma desesperante escuridão. Por outro lado, nos países protestantes, a vida das almas retarda-se e todos os cuidados do homem dirigem-se às coisas puramente temporais. Beber bem, comer bem, alguma coisa certa: porém, o homem não vive só de pão, como também o diz nosso grande mestre.

O PROTESTANTE — Não temos nós a Bíblia e o Evangelho?

ELIPHAS LEVI — Sim, tens e a fazes traduzir em todas as línguas para que seja lida pelos selvagens; aqueles que os mais sábios dentre nós mal compreendem ou não compreendem absolutamente nada. A Bíblia! Esta Babel da antigüidade oriental; este livro sobre o qual empalideceram-se os eruditos de tantos séculos, esta enciclopédia abstrata, que um dos nossos grandes poetas chama com razão de um terrível mar semeado de escolhos ! Heis aí o que colocas entre as mãos dos ignorantes e dos idiotas, dizendo-lhes: "Tomai, heis aqui a palavra de Deus, cabe a vós compreender julgar e fazer para vós uma regra de consciência". Por isso quantas interpretações absurdas! O Protestantismo e como uma grande casa de alienados, cheia de celas, as quais lhes chamam seitas; uns são medrosos, outros dançarinos, muitos são epilépticos, outros imóveis e taciturnos; e talvez, é em nome da razão que chamas ao livre exame; porém, o que é a liberdade sem leis? Não é a mesma coisa que a razão sem autoridade, essa rival impotente da autoridade sem razão?

O PROTESTANTE — Posto que Deus tendo falado na Bíblia, devia querer ser compreendido e inspirar-nos ele mesmo o verdadeiro sentido das suas palavras.

ELIPHAS LEVI — Se Deus tem a obrigação de inspirar-nos, não tens já necessidade da Bíblia. São todos profetas e teus sonhos são toda a lei.

O PROTESTANTE — Porém, se não me engano, tu mesmo interpretas a Bíblia de outra forma da que os Doutores Católicos.

ELIPHAS LEVI — A Bíblia tem um sentido oculto, cuja ciência tradicional chama-se Cabala, entre os Hebreus. Esta ciência era conhecida pelo apóstolo São João e pelos padres mais sábios da primitiva igreja; eu não a inventei e não ensino nada que venha de mim; isto é o que faz a minha força e minha confiança, isto é o que me dá o direito de chamar católicos mal lluminados aos católicos melhor instruídos. Podes provar-me que estou errado?

O PROTESTANTE — Não, porque não posso seguir-te em tuas buscas; porém, guardarei as minhas convicções.

ELIPHAS LEVI — Não pretendo tirá-las; a controvérsia jamais converte a ninguém; alguém se apoia nas idéias que quer defender e se obstina mais nelas à medida que o ataque é mais forte; as convicções apoiam-se ou mudam-se por si mesmas, a medida que a razão cresce e que a luz se faz.

O PROTESTANTE — Desejo que ela se faça para ti.
ELIPHAS LEVI — Restituo-te o mesmo desejo.

SEXTO DIÁLOGO
UM MÉDICO e ELIPHAS LEVI

O MÉDICO — Queres permitir que te tome o pulso?

ELIPHAS LEVI — Parece-te que tenho febre?

O MÉDICO — Oh! Não te quero comparar a Basílio, apesar de que não podes impedir-nos de trabalhar um pouco para ele.

ELIPHAS LEVI — Como assim?

O MÉDICO — Oh! Bem o sabes. És um livre pensador e queres que os dogmas absurdos sejam respeitados para maior satisfação de Basílio.

ELIPHAS LEVI — Não creio que Basílio seja um grande partidário dos dogmas explicados pela filosofia.

O MÉDICO — E Basílio tem razão, porque um dogma explicado é um dogma morto; não se estuda mais a anatomia senão sobre os cadáveres; não se dissecam os vivos.

ELIPHAS LEVI — Tua comparação é falha Doutor; porque os dogmas são espíritos e o espírito não poderia morrer para ser dissecado como os corpos. Achar a palavra de um enigma não é suprimir seu texto, seguidamente engenhoso. Esclarecer e por acaso destruir?

O MÉDICO — Quando a esfinge é adivinhada, torna-se morta; introduzir uma luz em uma lanterna de papel de seda é atear fogo à lanterna. Um mistério explicado deixa de selo; a fé e o sonho da ignorância; quando alcança-se a ciência, o espírito acorda e o sonho para; sonhar acordado é estar louco e é a isto que queres conduzir-nos; no entanto, como me parece que és de muito boa fé, duvido da tua saúde e venho tomar-te o pulso.

ELIPHAS LEVI — Doutor, acreditas na medicina?

O MÉDICO — Não, por certo que não acredito nela. Estudei-a e tenho a pretensão de conhecê-la.

ELIPHAS LEVI — E os aforismos desta ciência não te pareceram jamais duvidosos?

O MÉDICO — Jamais; quando a sua verdade me é demonstrada.

ELIPHAS LEVI — Rejeitas tudo o que não está demonstrado?

O MÉDICO — Não o estudo, porém, não creio em nada antes de saber.

ELIPHAS LEVI — Porém quando se sabe, tem-se deixado de crer; por conseguinte, jamais acreditastes em nada; não credes em nada e jamais crerás em nada. Se isto é certo, compadeço-me de ti, Doutor, porque não amaste nunca e não amarás jamais.

O MÉDICO — Oh! Nada de sentimentalismo místico! Amo a minha mãe e aos meus filhos porque sei.

ELIPHAS LEVI — Sim, sabes e sabias tudo aquilo, porém nada de tudo aquilo te foi demonstrado e não pode ser demonstrado ainda. Não poderia ter sido trocado de ama? Tua mulher e teus filhos... Crês e tens razão em crer na fidelidade da primeira e na legitimidade dos últimos; porém tudo isto, Doutor, não é ciência, é fé.

O MÉDICO — É uma fé razoável!

ELIPHAS LEVI — Heis aí a palavra que eu desejava fazer-te dizer; fé razoável; é a palavra de São Paulo e é também a minha. Não peço outra coisa.

O MÉDICO — Não confundamos! Falo da fé humana e natural, que é essencialmente razoável; tu, pelo contrário, falas da fé religiosa e sobrenatural, necessariamente absurda porque supõe uma revelação do infinito ao finito por meio do mistério eternamente incompreensível do qual há que se adorar a fórmula sem procurar jamais seu sentido, o que eqüivale a dizer que Deus proíbe aos homens a razão e impõe-lhes a demência. Que é um louco, na realidade? É um homem que crê nas alucinações de seu cérebro mais que no bom senso de todos; é um crente extravagante e obstinado que opera segundo o que imagina e não em conseqüência do que vê desafio-te a não reconhecer neste retrato os pretensos santos de tua igreja católica.

ELIPHAS LEVI — Desejaria ser louco como São Vicente de Paula.

O MÉDICO — Oh! E quanto a esse! Sabes o que dele tem-se dito com muita fineza; era um bom homem, ao qual prejudicaram muito canonizando-o.

ELIPHAS LEVI — És intratável; porém ensaiemos outro arrazoamento: admites que o sentimento religioso existe nos homens e que é um fato fisiológico com o qual a ciência deve contar?

O MÉDICO — Sim, reconheço a existência desta doença em um grande número de homens e estou em condições de provar-te que possuem os caracteres completos da alie nação mental. Reconheço pela causa o desgosto pela realidade e o desejo melancólico pelas quimeras, uma ambição desmedida e uma presunção que faz crer ao homem que pode se apropriar da eternidade e

da imensidão, domínio de um Deus que o homem representa como sua própria imagem acrescentada; e, enchendo o céu com as suas proporções colossais. O homem tomado deste mal usa os meios mais diretamente opostos ao fim à que se propõe; quer ser imortal e deixa-se morrer todos os dias; quer ser objeto das predileções de Deus e volta-se odioso e insuportável aos homens, mesmo aos mais imperfeitos. Censura, molesta e atormenta aos demais, sob o pretexto de amá-los; no fundo não os ama mais que as suas crenças, não admite que se as discuta; a contradição sobre este assunto tornam furioso, foge daqueles o que quiserem desenganá-lo e toma-lhes medo, como os alienados o fazem com os médicos.

ELIPHAS LEVI — Disseste tudo? Não me falarás um pouco também das matanças cometidas sob o pretexto da religião, dos autos de fé e de São Bartolomeu? Sei tudo isto tão bem como tu; afetai-te como o fazem sempre os adversários dos crentes, para confundir com a religião, a superstição e o fanatismo, pelo que toda a gente honesta tem aversão.

O MÉDICO — A superstição e o fanatismo são o absoluto em religião; os crentes razoáveis são mornos; o homem que segue as luzes do bom sentido opera como um filósofo e não como um devoto; um dogma absurdo exige um culto insensato. Falai-me dos estilistas, dos encouraçados, dos silenciários, dos que andam descalços, dos mortos de fome, de São Cucufin, de São Labre: eis aqui os verdadeiros crentes! E não digas que abandonastes estas pessoas; são as preferidas da tua Igreja que tem predicado sempre e ainda predica a santa loucura da cruz.

ELIPHAS LEVI — Eram homens de outro século; os tempos mudaram e os costumes também.

O MÉDICO — Só os dogmas são imutáveis. Tal é, ao menos, a pretensão dos crentes; porém mudam sempre em sentido inverso das idéias e dos costumes.

ELIPHAS LEVI — Que entendes por isso?

O MÉDICO — Entendo que os dogmas, para imobilizarem-se, materializarem-se cada vez mais, à medida que o progresso das ciências tendem a explicá-los espiritualizando-os em maior proporção. A teologia oficial é a ciência de embalsamar as crenças mortas e mudar em múmias os símbolos outrora viventes.

ELIPHAS LEVI — Estás errado ao dizer embalsamar; tua expressão lembra-me os perfumes de Roma, desse muito odorífico Veuillot; se lestes os meus livros, deves saber que penso como vós sobre o farisaísmo antigo e moderno, sobre a falsa teologia, etc.; porém, tudo isto não é a verdadeira religião.

O MÉDICO — É como se dissesses que o que se faz, combina-se e prepara-se em todos os escritórios da Europa, não é a verdadeira política.

ELIPHAS LEVI — Não seria conveniente para ti desafiar-me demais em dizê-lo.

O MÉDICO — Então fica entendido, não há outra política senão a que sonhas, não há outra religião que o teu misticismo pessoal, azul para iluminar as nuvens que não te parecem de boa cor. Sinto haver-te feito falar tanto, pois isto te exalta e te prejudica; deixa dormir um pouco teu farrapo de ciências ocultas; não fiques só, faz exercícios, te submetas a um regime refrescante e sobretudo não fumes demais.

ELIPHAS LEVI – (Rindo) — Obrigado por vossa receita Doutor; creio que teus conselhos são bons e desejaria dar-te, por minha vez, algumas prescrições higiênicas; porém, desafortunadamente considero-te incurável.

O MÉDICO — Porque?

ELIPHAS LEVI — Porque não estás doente.

O MÉDICO — Assim, consideras que tenho ganha a causa e que te converti.

ELIPHAS LEVI — Oh! Nada disto, tu não estas doente; porém, te falta um sentido; vês muito bem, porém não enxergas senão com um só olho; tudo isto moralmente, bem entendido.

O MÉDICO — O olho que me falta não será casualmente o que Victor Considéránt queria pôr na extremidade de uma cauda?

ELIPHAS LEVI — Pode ser Doutor; e visto que ris, a nossa conversa está terminada.

SÉTIMO DIÁLOGO

UM DOUTOR e ELIPHAS LEVI

O DOUTOR — Aceito tuas teorias religiosas que são, mais ou menos, as de Emílio Burnouf e Vacherot. Não confundo a exaltação religiosa que produz o fanatismo com o sentimento religioso que pode perfeitamente acordar-se com a ciência e com a razão; acho, como tu, que existe na palavra catolicidade uma promessa de porvir que quer dizer síntese e solidariedade universais: porém, parece-me evidente que esta grande e última transformação religiosa não possa se cumprir senão fora do catolicismo oficial, como o cristianismo não pode se manifestar e triunfar senão fora da sinagoga.

ELIPHAS LEVI — Se a síntese é verdadeiramente católica, ou seja, universal, não exclui nem a

Igreja oficial nem a sinagoga; deve pelo contrário, reuni-las e reconciliá-las. As divisões e subdivisões religiosas têm sido os resultados do espírito de análise necessário a crítica; o espírito de síntese, pelo contrário, tem como tendência reunir tudo e coordenar tudo. Depois de haver criticado, o espírito humano julgará e o veredicto definitivo jogará ao céu simbólico as suas nuvens; a humanidade formulará seu dogma e dirá: "aqueles que me alimentaram quando tinha fome, socorrido quando sofria, esses são os benditos de meu pai; e, aqueles que, pelo contrário, oprimiram-me e tornaram-me miserável, são os malditos". É então que os "publicamos" e as meretrizes entrarão antes dos fariseus no reino de Deus e que se apreciarão em seu justo valor os méritos dos vivos e os dos mortos; existirá então uma moral certa e invariável e a política cessará de ser a ciência da mentira; os direitos serão provados e equilibrados pelos deveres, seja entre as nações, seja entre os homens. Isto deve ser; e em conseqüência, será certamente.

O DOUTOR — Gosto da tua forma, tão engenhosa quanto heterodoxa, de explicar a parábola profética do juízo final; porém, devo confessar, creio muito pouco que os homens cheguem a este acordo definitivo. Se tivesse de ser, seria já há muito tempo; as luzes não faltaram, nem as exortações dos grandes homens; porém, as paixões rivais e o antagonismo dos interesses tem impedido, impedem ainda e impedirão sempre aos homens porem-se de acordo.

ELIPHAS LEVI — Não pretendo que, quando a grande síntese religiosa e social tiver sido proclamada e reconhecida, os homens tornem-se perfeitos, nem sequer penso que todos se inclinem ante a evidência desta grande luz; tem havido idólatras no mundo e mesmo entre os hebreus depois da revelação de Moisés; a Lei Cristã foi promulgada há dezenove séculos e a caridade não reina ainda sobre a terra porque essa palavra divina que encanta os corações não recebeu ainda explicação suficiente. É pela solidariedade que a caridade se explica; pois bem, solidariedade e o socialismo, ú1tima palavra do cristianismo; é a propriedade de cada um para todos e de todos para cada um. Então não se definirá mais a propriedade como o direito de usar e de abusar e se abaterá frente a razão e a moral esta concepção monstruosa do direito e do abuso. Esta revolução se cumprirá, digo, porque já está realizada no mundo da inteligência e do progresso que é também o da ciência e da fé.

O DOUTOR — Tem força e verdade o que dizes; porém talvez concedes demais à fé e não muito à ciência; a ciência não aceita os milagres, que atribuís ao magnetismo ou magia, não admite as tuas ciências ocultas. Os prodígios, para ela, não existem, nem supõe que alguma coisa se faça fora das leis da natureza.

ELIPHAS LEVI — Eu não o suponho tampouco, porém, não vejo que todas as leis da natureza sejam conhecidas nem que tão pouco aquelas que se conhecem, tenham sido estudadas ainda o suficiente, sobretudo em suas aplicações particulares. Enquanto que fatos certos e incontestáveis não tenham sido explicados, a ciência não terá dito a ú1tima palavra.

O DOUTOR — Não há fatos certos e incontestáveis senão os fatos científicos.

ELIPHAS LEVI — Quais são os que chamas de científicos?

O DOUTOR — Chamo de científicos os fatos que se produzem e devem produzir-se em virtude de certas leis determinadas pela ciência.

ELIPHAS LEVI — Então, os fenômenos elétricos não eram fatos certos e incontestáveis antes que a ciência houvesse reconhecido a existência da eletricidade?

O DOUTOR — Não, sem dúvida; porque eles não pertenciam ainda a ciência, que a única que dá a certeza. Necessário era estudá-los com prudência; porém, não havia o direito de afirmá-los positivamente.

ELIPHAS LEVI — As ciências ocultas são uma religião e a religião não deve jamais confundir-se com a filosofia.

O DOUTOR — Dizes então que és um místico e não tomas o título de Doutor.

ELIPHAS LEVI — É um título que têm-se-me dado às vezes; chama-me místico se te parece bem; mesmo que esta qualidade dificilmente harmonize-se comigo; eu não o aceitei jamais e não o pretendo ainda; sou aquele que escreve sobre os mistérios da natureza; não me ofenderei; amo e estimo por demais a ciência para querer brigar com aqueles que a representam e a honram.

OITAVO-DIÁLOGO

UM SACERDOTE e ELIPHAS LEVI

O SACERDOTE — Venho a ti como um ex frade desviado e conjuro-te em nome de tua saúde eterna a recolher-te em ti mesmo e a pensares nas promessas que fizeste à Igreja.

ELIPHAS LEVI — Essas promessas eram mútuas, padre; e, não fui eu quem retirou-se da Igreja; ela é que retirou-se de mim sem ter outra coisa à reprovar-me do que meu grande amor pela verdade e pela justiça.

O SACERDOTE — A verdade é o que a Igreja ensina. A justiça é a obediência a seus

mandamentos.

ELIPHAS LEVI — A Igreja não pode ensinar outra doutrina que a do Evangelho; não pode ordenar nada que seja contrário à moral: estou, pois, de acordo com ela. Abandonado por aqueles que deviam proteger-me e conduzir-me, voltei a vida laica sofrendo todas suas conseqüências; porém, de espírito e de coração fico ligado à Igreja.

O SACERDOTE — Podes dizer semelhante coisa quando todo o mundo sabe que és professor de Cabala e de Magia, coisas que horrorizam a Igreja? Quando ousas explicar filosoficamente os nossos santos mistérios e fazer do mesmo salvador do mundo uma espécie de personagem fictício e mitológico semelhante a Osíris e a Khrishna!

ELIPHAS LEVI — Permites a leitura de meus livros à teus penitentes, padre?

O SACERDOTE — Não, por certo que não.

ELIPHAS LEVI — Não oferecem então, perigo para eles; porém, podem desarmar os inimigos do Cristianismo mostrando-lhes a razão velada onde acreditavam ver a loucura. Amo a Igreja como se quer a uma velha mãe decrépita e caída no infantilismo; vejo-a debilitada pela idade e não temo que morra porque creio na transfiguração próxima. Ela acumulou ao seu redor toda a lenha seca dos antigos prejuízos e sobre esta fogueira vai consumindo-se como Hércules ou como a fênix da fábula para renascer imortal; o próximo concílio será uma palingenesia, uma oração fúnebre e uma apoteose, o fim da Igreja Romana é o começo da catolicidade universal.

O SACERDOTE — A Igreja será o que é ou não será mais; porém, Deus prometeu-lhe a Eternidade.

ELIPHAS LEVI — Só Deus é eterno; a letra mata e morre, e o espírito vivifica. A sinagoga não afirmava-se também imortal? O Templo de Jerusalém não deveria durar tanto como o Sol? A lei de Moisés não era perfeita e imutável? Ah, padre, quando os cegos se tornam condutores dos cegos, caem com eles no precipício! Isto diz alguém mais sábio do que eu.

O SACERDOTE — Vês bem que, como os materialistas e os ateus, crês na destruição próxima e necessária da Igreja.

ELIPHAS LEVI — Não padre; creio em seu nascimento próximo, porque, até agora, ela perdeu a envoltura das instituições e dos prejuízos do velho mundo; sua concepção é imaculada, mas os trabalhos de iluminação serão longos e penosos; há necessidade de luz, de razão, da ciência da natureza que e a mesma lei de Deus e para que tenha tudo isto deve desprender-se das tradições do farisaísmo moderno e das trevas da falsa teologia; deve ser visitada pelo espírito da inteligência, pelo espírito da ciência, pelo espírito do bom conselho que invocas em vossa liturgia; "veni creator spiritus"!

O SACERDOTE — Este espírito não é o dos praticantes da magia.

ELIPHAS LEVI — É dos magos que vieram do Oriente, guiados por uma estrela. Não julgues, padre, o que não conheces e se queres criticar-me razoavelmente, 1ê; primeiro os meus livros.

O SACERDOTE — Não criticam-se autores como tu; queimam-se!

ELIPHAS LEVI — Heis aí o teu ú1timo argumento; o dos inquisidores.

O SACERDOTE — Falo só dos teus livros; quanto a ti, é o inferno que te queimará.

ELIPHAS LEVI — Não notas que falando assim me maldizes? Pois bem, eu te bendigo, e, vendo-te atiçar-me, por vossa cruel esperança, o fogo do inferno, penso em João Huss que, vendo uma pobre velha trazer lenha para sua fogueira, exclamou: "Sancta Simplicitas"! Qual de vocês é mais cristão?

O SACERDOTE — Dado que tomas o bem pelo mal e o mal pelo bem, deixo-te com vosso empacamento.

ELIPHAS LEVI — E eu, como não pude iluminar-te, me vejo obrigado a deixar-te com tua cegueira.

NONO DIÁLOGO

UM ESPÍRITA e ELIPHAS LEVI

O ESPÍRITA — Li teus livros sobre a ciência dos espíritos e de boa vontade chamaria-a, a ignorância dos espíritos. Negas sua intervenção; em fenômenos cuja evidência os confunde e sem embargo, admites, quase completamente, a doutrina que eles nos ensinam.

ELIPHAS LEVI — Nego somente tudo o que não se pode admitir razoavelmente; atribuo, como tu, uma grande importância aos fenômenos do imã humano e da fotografia astral; reconheço que se pode determinar, observando-as, as grandes correntes da imaginação e do pensamento coletivo; elas iniciam-nos nos mistérios da transmissão simpática das idéias. Como não creio na morte, creio que as idéias sobrevivem à nós e que as dos mortos podem misturar-se ainda a dos vivos; porém, não creio que os pretendidos mortos possam revelar-nos algo dos segredos da outra vida, porque a natureza para impedir que recaiam aqueles que ela eleva, fecha sob eles as portas que lhes faz transpor. Os que viveram entre nós, ainda vivem conosco, porém, só pelas recordações que deixaram e que são ainda suas recordações; não podem falar-nos mais do que a nossa linguagem e nós não

compreenderíamos a linguagem do céu. Não creio tão pouco que os imortais estejam em condições de falar-nos de outra forma que não seja pela comunicação íntima dos pensamentos, liberados da matéria inerte e pensante, dirigem-se ao que de mais sutil e mais puro em nós; eles não têm necessidade de misturar-se aos vapores densos do antro de Trofonios nem aos vapores malsãos das mulheres histéricas ou desses homens propensos à catalepsia que chamas de "mediuns". Se seres que têm a aparência da inteligência, se comunicaram conosco por tais meios, não poderiam se senão larvas impuras ou esboços espirituais muito inferiores à humanidade. Não falarei dos numerosos casos de alienação mental, determinados pelas práticas do espiritismo, que contestarias com razão; pois, as religiões em geral e a católica em particular, produziu-os, talvez, em maior número; porém far-te-ei notar que tuas evocações não são mais que um retorno aos antigos oráculos do paganismo que, há já dezoito séculos, o gênio do cristianismo fez calar em todo o mundo. Pois bem, esta exumação do passado não poderia ter os caracteres do progresso no qual todos acreditamos; seria o mesmo que tratar de galvanizar as múmias – como no conto de Edgar A. Poe. O cristianismo, sendo a mais espiritualista de todas as religiões, devia facilitar e tornar mais freqüentes as comunicações dos espíritos de ultratúmulo com os vivos e é o que tem feito pela comunhão dos santos e a unidade das três igrejas; a Igreja triunfante, a Igreja militante e a Igreja de sofrimento. Então, cessarão os prestígios dos demônios, ou seja, dos espíritos desconhecidos e equívocos que se manifestam por convulsões e se comprazem, nos vapores. Quando a humanidade carece de religião, tem delírio, como um faminto sem pão e isto porque, agora que a fé está quase extinta no mundo, os fantasmas voltam a fazer-se escutar.

O ESPÍRITA — Os espíritos que qualificas de fantasmas predicam, como tu, a caridade, a religião universal e a salvação de todos os homens.

ELIPHAS LEVI — São idéias que estão no ar, se posso expressar-me assim; mas, predicam eles a organização da caridade, formas irmãs de caridade que possam comparar-se as de São Vicente de Paula? Substituem a hierarquia católica por uma hierarquia nova? São teus sonâmbulos, santos, e teus mediuns apóstolos? Tens sacramentos que dão a graça efazem tocar e gostar de Deus? És visionário como os Gnósticos, como os iluminados, como os convulsionários que não provaram nada. Tomas fenômenos naturais por milagres; consultas oráculos ocasionais e escutas nas vozes do eco sem ter em conta a tradição, a transmissão legítima dos poderes e a autoridade apostólica.

O ESPÍRITA — Tudo isso pertence ao passado e tu mesmo não acreditas mais; sorris pensando nos inquisidores que condenaram Galileu e igualmente te horrorizam São Pio V e Torquemada.

ELIPHAS LEVI — O mal que fez aquela gente estava longe de se assemelhar à doutrina dos apóstolos. Porque, pode suceder a um cirurgião inábil cortar a artéria de um doente querendo sangrá-lo; haveria que condenar e proscrever a cirurgia? A religião dos padres da Igreja não é a de Torquemada; e, o humilde São Francisco de Sales não teria condenado Galileu. Sim, certamente, creio na caridade universal; sim, aguardo a salvação de todos os homens, porque reverencio o dogma Universal e porque o Salvador do mundo deu seu sangue para todos os homens. Creio na verdade da fé dos santos e no triunfo da paciência dos mártires, porque tantas virtudes não podem ter sido em vão, porque uma esperança tão heróica não pode ter sido enganosa; creio que os nossos filhos, quando fazem sua primeira comunhão com toda a pureza de seu coração e com todo o fervor de sua inocência, recebem realmente o que nenhuma outra religião saberia dar-lhes; ante os prodígios sempre renascentes da caridade, meu coração prosterna-se e adora. Sim, eu creio em Deus que faz correr as lágrimas de Santo Agostinho e as torrentes de eloqüência de São João Crisóstomo e de Bossuet. Creio no Deus de São Vicente de Paula e de Phenelon; no Deus dos sacramentos eficazes da comunhão dos Santos e da venerável hierarquia; creio, em uma palavra, no Deus da Igreja única, santa, católica e apostólica, apesar dos escândalos de Roma e o sangue que mancha ainda a espada de São Pedro, pregado com a cabeça para baixo, sobre a cruz que não soube manter levantada; expiará a sua negação e seu arrebatamento sacrílego; porém, a doutrina do Salvador triunfará apesar dos sucessores de Caifás e dos imitadores de Judas. Eis aqui minha fé e minha esperança.

O ESPÍRITA — É está a tua caridade! Parece-me que, para, um fiel filho do Papa, tratas a teu padre bastante mal; que tens bastante ojeriza a este pobre Veuillot e que te preocupas muito pouco do domínio, temporal da santa Igreja. Em tudo isto, ao meu parecer, tens razão, porém obedeces como nós, a uma inspiração independente e particular; acreditas em teu próprio espírito e estas mais exposto a extraviar-te do que nós, que temos fé em comunicações milagrosas do outro mundo.

ELIPHAS LEVI — Creio em argumentos irrefutáveis e tu acreditas em visões muito discutíveis.

O ESPÍRITA — Muito bem; se houvesse medida, teríamos dois versos.

ELIPHAS LEVI — Sim, do tipo daqueles que escrevem as tuas mesas falantes.

O ESPÍRITA — Tens o direito de burlar-te delas?

ELIPHAS LEVI — Das mesas falantes? Um pouco, e creio, que não me acusarás, espero, de faltar

por isto à caridade, porque não reconheço os móveis como meus irmãos.

O ESPÍRITA — Te burlas das nossas mesas, nós nos burlaremos das tuas fábulas.

ELIPHAS LEVI — Ah! Misericórdia! e que Allan Kardec venha em nossa ajuda; eis que te tornas médium versificador.

O ESPÍRITA — Não, falemos seriamente; ousas tomar-nos por loucos e somos mais razoáveis do que tu. Vou dar-te uma prova. Tu admites a hierarquia e por conseguinte, a autoridade da Igreja católica romana, o que não te impede em crer diametralmente o contrário do que ela ensina.

ELIPHAS LEVI — A harmonia resulta da analogia dos contrários. Toda luz que manifesta uma forma, deve necessariamente projetar uma sombra. Creio na sombra porque creio na luz. A liturgia católica não aplica à Igreja esta palavra da Esposa do Cântico; "Sentei-me a sombra da árvore que amava e saboreei seus frutos?"; não diz ela em seu ofício: "Senhor, protege-nos com a sombra das tuas asas?". A nuvem que guiava os hebreus não era luminosa de um lado e tenebrosa do outro? E quando Deus deixou-se ver, ou seja, compreender por Moisés sob o símbolo da forma humana, não lhe disse: "Passarei em frente a ti e então te cobrirás o rosto; depois, quando tenha passado, olharás e verás o que esta atrás de mim, ou seja, a minha sombra"? Não compreendes esta cabeça de luz e esta cabeça de sombra que são o reflexo uma da outra, nos magníficos símbolos do Zohar e que explicam todos os mistérios da religião universal?

O ESPÍRITA — Confesso que não te compreendo muito bem.

ELIPHAS LEVI — Se compreendesses não serias mais um espírita, serias um, iniciado; portanto, em lugar de consultar mesas nas que não se podem encontrar outros espíritos que o espírito da madeira; roga ao espírito da inteligência para que te abra o entendimento e estuda a Cabala.

DÉCIMO DIÁLOGO

UM INICIADO e ELIPHAS LEVI

O INICIADO — Estudei a Cabala e não poderia compartilhar a lei católica romana.

ELIPHAS LEVI — Porque?

O INICIADO — Porque as chaves de São Pedro deixaram de ser as da verdade. Porque a hierarquia dessa Igreja é artificial e não real. Porque é despótica e não fraternal; porque é material e não espiritual. Porque os condutores dos cegos, são eles mesmos, cegos. Porque a fé cega do rebanho justifica-se só pela fé iluminada e pela ciência do pastor. Porque ela (a Igreja Romana) sacrifica descaradamente seus interesses espirituais aos interesses temporais. Porque abjura publicamente o espírito da caridade, autorizando, e ainda tolerando polemistas tais como Luis Veuillot e outros blasfemadores. Do qual concluo que este corpo eclesiástico perdeu a eficácia da sua ciência e que está desprovido, ao mesmo tempo, da religião e da fé.

ELIPHAS LEVI — Renunciaremos à ciência porque existem ignorantes? E haverá que abandonar a religião porque certas pessoas entendem-na mal e mal a praticam?

O INICIADO — O mundo está cansado dos absurdos dogmáticos.

ELIPHAS LEVI — São eles comparáveis aos absurdos do materialismo? Porém eu falo a um iniciado que sabe que o ocultismo, ou seja, a absurdidade aparente, é a própria essência de qualquer dogma. Aqueles da Tábua de Esmeralda são mais obscuros e mais absurdos em aparência que os do símbolo dos apóstolos. Os livros herméticos como o Apocalipse e as visões de Ezequiel parecem completamente inexplicáveis e é por isso que chegaram até nós. Se houvessem sido compreendidos, teriam causado revoluções no mundo e se lhes haveria suprimido. Conheces a história de São Paulo queimando os livros de magia de Éfeso, de Omar incendiando a Biblioteca de Alexandria e do inquisidor lançando os livros e os autores ao fogo. O dogma é o enigma da Esfinge. Aqueles que adivinham devem calar-se e ocultar aos invejosos que eles se tornaram reis e sacerdotes. Aqueles que não adivinham são devorados pelo monstro.

O INICIADO — Então tem-se que fazer como Édipo necessário obrigar ao monstro a precipitar-se no abismo.

ELIPHAS LEVI — E recomeçar a guerra de Tebas e o extermínio dos irmãos inimigos. Tira a religião do mundo e os homens se desgarrarão entre eles; os fortes esmagarão aos débeis, os pobres matarão os ricos. Não ouves, na medida em que a fé se debilita, como ruge a guerra social na sombra? Creia-me, quando os círios dos altares se extinguirem, ver-se-ão acender as tochas da conflagração universal.

O INICIADO — Não acreditas, pois, na razão humana?

ELIPHAS LEVI — A razão sem fé não aconselha a abnegação e não admite o sacrifício. O homem é egoísta pela razão, não é grande e generoso senão pela crença.

O INICIADO — Penso como tu. Crer na honra, crer no amor, crer na virtude, é crer em Deus e desejaria expandir no mundo inteiro esta fé saudável. O teísmo, em nossa época, basta para o mundo.

ELIPHAS LEVI — Isto seria bom dizer no tempo de Jean Jacques Rousseau; hoje faria rir de piedade os discípulos de Proudhon. Não há meio lógico entre estes dois termos; ateísmo ou religião revelada. Agora, tu sabes bem que existe uma revelação; tu, a quem se tem mostrado sobre qual pedra viva está colocada a cidadela de Tebas invisível, tu que compreendes os símbolos da nova Jerusalém.

O INICIADO — Sim, sei que existe uma revelação cujos fieis perseguiram sempre na Igreja Romana.

ELIPHAS LEVI — Dizes os infiéis, ou seja os indiscretos e os profanadores do simbolismo oculto.

O INICIADO — Chamas infiéis ou indiscretos a Vanini, a Giordano Bruno e Savanarola? Aos templários castigados de morte e aos Franco-maçons excomungados? Aprecias os horríveis suplícios suportados por Campanela? Amas as Dragonadas? Não, em verdade, não tenho certeza. E, não tenhas vergonha em dizê-lo e proclama-lo altamente. Serias excomungado talvez, porém tu te comportarias como homem de bem. Creia-me irmão; não te faças o desgraçado advogado de uma causa perdida para sempre. Os que querem ficar fiéis, como Catão de Itica, ao qual os deuses abandonam, pronto vêm-se decididos a jogar-se sobre sua própria espada e a desgarrar-se as entranhas. Desgraça para os homens que se obstinam em permanecer no templo quando os deuses se vão? Crês que o mundo, ou seja, o mundo inteligente e iluminado pela ciência, voltar é jamais ao Deus, do inferno para as multidões e do céu para um, pequeno número de privilegiados ignaros, ao Deus que proscreve a razão, a ciência e a liberdade? Não sentes que o verdadeiro Deus deve estar de acordo com a natureza que é a sua lei e com a humanidade que é a sua filha? Era justo o Deus de Moisés quando favorecia a um só povo entregando as outras nações ao anátema; e o Deus dos Cristãos não condena ainda a maioria dos habitantes do universo? Que monstruosa invenção este inferno abrindo sua face imensa e devorando o rio quase inteiro das gerações sucessivas e isto pelo capricho de um Deus que se fez crucificar para redimir os homens! Basta, digo, basta dessas crenças barbaras... Não reinarão mais sobre nós porque estão mortas para sempre. Desejas talvez, para cumprir não sei que sonho filial, sepultá-las com honras; porém, toma cuidado! A terra é movediça em torno da fossa que elas escavaram e tu poderias cair com elas.

ELIPHAS LEVI — Não temo a morte; porque a minha esperança está cheia de imortalidade e, enquanto Deus não me revelar um novo Dogma, ater-me-ei ao da Igreja, desprendendo-me das sombras das letras e invocando a luz do espírito.

O INICIADO — Um novo Dogma! Porém podes ignorar que este dogma já existe, em todas as inteligências cultivadas? Vós mesmo o tens formulado e eu poderia escrever seu símbolo com extratos de tuas obras. Cremos em Deus, princípio de todo o ser, de todo o bem e de toda justiça inseparável da natureza que é sua lei e que se revela pela inteligência e o amor. Cremos na humanidade, filha de Deus, cujos membros são solidários uns aos outros, de maneira que todos devem contribuir à salvação de todos. Cremos que para servir Deus, é necessário servir à humanidade. Cremos na separação do mal e no triunfo do bem na vida eterna.

ELIPHAS LEVI — Amém! Este é o puro espírito do Evangelho e não é um dogma novo; é o resumo de todos os dogmas. É a síntese dogmática da religião eterna, porém pretendo e poderia demonstrar, se fosse necessário, que estes símbolo explica todos os outros sem destruí-los e se tornará um dia o da catolicidade humanitária e universal.

RESUMO GERAL

Por definições e aforismos

CAPÍTULO I

A RELIGIÃO

I

O paraíso da alma é a razão satisfeita; seu inferno a loucura irritada.

II

O Deus da razão é, ele próprio, a razão luminosa das coisas. O Deus da loucura é a razão obscura dos sonhos.

III

Dizer que Deus se revela loucura para confundir a razão, como se dizer que o sol se revela noite para confundir a luz.

IV

Deus se revela por leis e em leis que não mudam jamais. Ele é implacável porque não se irrita jamais. Não saberia perdoar porque jamais se vinga.

V

O mal não é mais que o aborto do bem. Pode-se morrer pela conseqüência do aborto e se a mulher

o provocou por imprudência, já está bastante castigada.

VI

O diabo é a loucura atribuída a Deus. É Deus, que parece afirmar-se mau mediante um plenipotenciário surgido do pesadelo da loucura humana.

VII

O milagre é a loucura atribuída à natureza. A natureza não poderia infringir a menor das suas leis sem cair toda ela na demência.

VIII

Se um só grão de pó pudesse se mover contrariamente às leis da atração e da gravidade, a cadeia da harmonia universal se quebraria e nada do mundo subsistiria mais.

IX

A Bíblia é a filosofia dos antigos, escrita em enigmas e em parábolas é maneira dos poetas orientais.

X

A Cabala é a fórmula cifrada da hipótese divina. Os mistérios são os teoremas da sua álgebra. É simples como dois e dois são quatro, claro como as quatro regras da aritmética e obscura para os ignorantes como a tábua de logaritmos ou o binário de Newton.

XI

Deus é o grande silêncio do infinito. O mundo todo fala dele; e, para ele nada do que se fala representa tão bem como seu silêncio e sua calma eternas.

XII

A lei é rigorosa; é necessária; não pode não ser; não pode ser diferente do que é, dados os fenômenos do ser e da vida. Pois bem, o ser é; e, para dar-lhe uma causa é inútil imaginar outro ser. Porém há que reconhecer-lhe uma razão e esta razão é o que chamamos Deus.

XIII

Todos os males da alma humana vêm do temor e do desejo. As ameaças e as promessas são os grandes meios de corromper e de embrutecer os homens. O dogma que anuncia o privilégio e que ameaça com um castigo exorbitantemente monstruoso e sem fim às multidões ignorantes, não nem divino, nem humano, nem razoável, nem civilizado.

XIV

Desde o reino de Constantino até os nossos dias, o Cristianismo oficial não foi senão um ensaio cada vez mais desgraçado para conciliar as luzes do Cristianismo com as trevas do antigo mundo.

XVI

O Evangelho não é o dia, é uma bela noite cheia de resplendores crepusculares; é um céu cintilante de estrelas.

XVII

Deus é o espírito, e aqueles que de hoje em diante o adoram deverão fazê-lo em espírito e em verdade. Eis uma estrela fixa que aproximando, torna-se um sol. "Pai, perdoa-os, pois não sabem o que fazem"; eis aí a humanidade real que se mostra maior que a divindade fictícia.

Não tens senão um Mestre que é Deus e sois todos irmãos; isto é um cometa que ameaça os sacerdotes e reis do velho mundo.

Que aquele que esteja sem pecado, atire a esta mulher a primeira pedra; isto é o fulgor crepuscular do sol da justiça.

Jesus não se apresenta a si mesmo como sendo o espírito da verdade; anuncia somente que este espírito virá.

XVII

O espírito da verdade explica tudo e não destrui nada. Explicar é transformar. Na natureza tudo se transforma, nada se destrui; o mesmo acontece na religião.

XVIII

No Éden frutificavam duas árvores; a árvore da ciência e a árvore da vida; a árvore da ciência é a razão e a árvore da vida é o amor que produz a fé. A razão sem a fé é a morte do coração. A fé sem a razão é a loucura criadora do inferno, é o aniquilamento do espírito.

XIX

A árvore da vida que é a da fé, não tem mais do que uma raiz e um galho. Tem suas primaveras e seus invernos. Tem folhas e flores que caem. Não digais que a árvore está morta quando se despoja; reverdecerá na primavera. Não intenteis cortá-la porque suas flores estão murchas, esperai que dê seus frutos.

XX

Foras das matemáticas puras, tudo não é verdadeiro senão proporcionalmente, relativamente e

progressivamente.
XXI
Discutir com os loucos é insensato; contrariá-los ou mofar-se deles é inumano; somente necessário impedir-lhes de fazer dano.
XXII
Irritar-se contra a desordem é uma desordem; fazei a ordem e a desordem cessará.
XXIII
Proclamar altamente a razão em meio aos loucos é fazer um ato de loucura. Ter razão contra todos é estar errado ante a sociedade; eis aqui o que justifica a retratação de Galileu.

CAPÍTULO II
A MORAL
I
O real na natureza uma doença de crescimento. A dor é o auxiliar da iluminação.
II
A pena não é uma vingança, é um remédio. A expiação não é uma servidão, é um tratamento.
III
A pena do pecado é a morte. Ela é o remédio para as misérias humanas que são o pecado da natureza.
IV
A vida e eterna. A morte que em seu ideal é a negação da vida, não pode ser, pois, senão aparente e transitória.
V
A morte passageira não é senão um fenômeno da vida eterna análoga ao do sono ou ao acordar. Uma boa noite e a conseqüência de um dia bem empregado.
VI
O fenômeno da morte realiza só os grandes problemas da terra: liberdade, igualdade, fraternidade e solidariedade.
VII
A morte é a liquidação final das dívidas da solidariedade humana.
VIII
Porque a morte é a pena mais forte e a sofrem todos sem a ter merecido igualmente, existe reversibilidade do mérito de uns sobre o demérito de outros.
IX
Quem paga as suas dívidas, se enriquece; quem paga a dos outros se enobrece.
X
Fazer o bem é uma felicidade e uma honra, e Deus não deve aos justos mais recompensa que as que o Estado deve aos que fazem fortuna.
XI
Fazer o mal é uma desgraça e uma vergonha, e a bondade suprema deve meios de reparação aos malvados, porque ela é toda poderosa.
XII
Ninguém tem o direito de castigar; somente a lei que castiga.
XIII
O diabo é o bastardo do Deus vingador. O redentor o filho legítimo do Deus justo.
XIV
A moral é essencial, absoluta, universal, natural; porém, não é independente, porque depende da lei.
XV
Uma sociedade que, para se conservar, vê-se obrigada a cortar um membro seu, é uma sociedade gangrenada. Porém, a humanidade, que é imortal não admite mutilações.
XVI
Posto que Deus é a vida do grande corpo da humanidade, se a maioria dos homens pudesse ser condenada, poder-se-ia dizer que Deus é o inferno.
XVII
Se um só homem pudesse ser reprovado sem remédio e sem esperança, a redenção seria uma mentira e a criação uma monstruosa injustiça.
XVIII
"Amai-vos uns aos outros" não queria dizer: "Excomungai-vos e condenai-vos uns aos outros".

XIX

A catolicidade verdadeiramente universal é a razão e a verdade. O catolicismo exclusivamente romano é o absurdo e a mentira.

XX

Fazei aos outros, não o que quereis que vos façam; senão o que deveis querer que se vos faça; e não lhes façais o que seria injusto fazer-vos.

XXI

A humanidade dirigida pela justiça e a justiça temperada pela humanidade, eis aqui toda a moral.

CAPÍTULO III
A NATUREZA

I

A natureza é inconsciente de si mesma. Não evidentemente um maquinista, é uma máquina maravilhosa, porém, cega.

II

É como um balancim submetido ao movimento, que cunha medalhas admiráveis quando a matéria é boa, que dá rascunhos confusos e disformes quando a matéria é m é.

III

A matéria obedece ao espírito com uma resistência proporcional debilidade da ação.

IV

A força da ação regular está na razão direta do desenvolvimento da vontade livre no motor inteligente.

V

O infinito cria infinita porém, progressivamente; de outra forma, o incriado criar-se-ia infinitamente a si mesmo; o que seria um absurdo.

VI

O progresso infinito é a falta corrigindo-se eternamente.

VII

O infinito incriado e o finito infinitamente criado são como linhas paralelas que se avizinham eternamente sem poder nunca se juntar.

VIII

O infinito operando no finito o faz necessariamente de uma forma relativamente finita, ou seja, imperfeita; porém, sempre absolutamente perfeita nas relações do finito com o infinito.

XIX

O fogo eterno onde são rejeitados os imperfeitos a vida coletiva e inferiormente progressiva.

XX

Quando o ser imperfeito afirma-se como finito, julga-se perfeito porque sente viver nele, o princípio eterno da perfeição progressiva.

XXI

Todo ser imperfeito morre por sua imperfeição, por que esta imperfeição atesta a necessidade imperiosa e fatal de uma perfeição maior.

XXII

Quando o ser imperfeito vai morrer por decrepitude, ou seja, por impotência, a natureza rejeita tudo o que poderia conservá-lo na sua imperfeição atual. Isso é certo para as religiões, impérios, civilizações e homens. Embalsamar e galvanizar cadáveres é render culto à morte; os que crêem na vida eterna não procuram imobilizar a morte, pelo contrário, favorecem o movimento regenerador da vida.

XXIII

Quando o homem envelhece, perde seus dentes, seus olhos velam-se, seus pés e suas mãos embotam-se. É que a natureza lhe tira os meios de se conservar.

Quando os poderes devem cair, os governantes são atacados de incapacidade e de demência. Rejeitam os homens de talento e não escutam senão os maus conselhos. Luís XVI considerava somente como amigos aqueles que o empurravam à sua perdição. Roma condenou a Lamennais e rejeita com todas as suas forças a eloquência do bispo Dupanloup, a ciência e o valor do padre Gratry, etc. Porém, favorece, aprova e dá alento a Luis Veuillot.

XXIV

A morte não aniquila senão o imperfeito; é como um banho de fogo que separa da sua aleação o metal puro.

É por isso que o Salvador do Mundo dá o nome de fogo eterno aqueles limbos da vida, onde a

imperfeição necessita sempre da morte.
XXV

O finito desprende-se do infinito como por ampuração. Os limites do finito são como uma ferida que a natureza se apressa a cicatrizar. Assim, forma-se as escamas que são a substância material dos mundos.

Formam-se também escamas sobre as crenças finitas. São os dogmas materializados e as superstições que querem imobilizar-se.

XXVI

Desde há cento e cinqüenta mil anos ou mais, que se sucedem raças humanas sobre a terra. Essas raças diferiram essencialmente umas das outras e pereceram pelas suas imperfeições.

XXVII

Estas raças não puderam ter mais que uma responsabilidade relativa a seu desenvolvimento. Quando a natureza faz pobres, encarrega-se de pagar por eles. É por isso que se diz que Deus devia sofrer a morte para expiar as faltas dos homens; maneira de falar paradoxal que revela uma intuição ousada dos segredos da justiça eterna.

XXVIII

A raça atual perecerá como as outras e dá sinais de decrepitude. Os homens que virão depois de nós serão superiores, como nós somos superiores ao orangotango e ao gorila.

XIX

Estes serão responsáveis porque serão livres e Deus já não terá necessidade de morrer.

XXX

A natureza é lenta em operar as transformações que substituem as velhas raças pelas novas. Os povos nascem, crescem e envelhecem. A decadência de Roma se assemelha à nossa, porém a raça humana não mudou. A maioria dos homens carece de lógica e de justiça. E, entretanto, ainda queremos o governo das maiorias.

XXXI

A natureza é aristocrática e monárquica. Os universos não tem mais que um sol, o homem não tem mais que uma cabeça e o leão é sempre o rei do deserto.

XXXII

A verdade, a razão, a justiça, a lei, são rigorosamente da inteligência do homem. Basta, para isso, conhecer-lhe e ninguém subtrai-se impunemente a sua autoridade. Onde não reinam nem a verdade, nem a razão, nem a justiça, nem a lei; é a força fatal que decide; porém, sempre seguindo a lei de um equilíbrio providencial.

XXXIII

As forças fatais da natureza podem tornar-se auxiliares das raças humanas.

XXXIV

O homem não pode nada quando está só. As grandes forças inteiras, devem ser monárquicas, ou seja, dominadas por um homem de gênio, é uma cabeça sem corpo. Uma multidão não dirigida por uma autoridade infalível e única, é um corpo sem cabeça.

XXXV

É a confiança dos discípulos que faz a autoridade do Mestre. Se um discípulo duvida da infalibilidade do Mestre não deve ir mais a escola. É a confiança cega dos soldados que faz a força do general. Um soldado que crê que seu general erra, está na véspera de desertar.

Os soldados obedientes são a força dos exércitos; os soldados razoadores e refratários são a sua debilidade.

Para ser Mestre há que saber fazer-se obedecer. E, para isto, há que magnetizar as multidões.

CAPÍTULO IV
O MAGNETISMO

I

O magnetismo, no homem, é irradiação e atração físicas, determinadas numa direção pela força moral.

II

Todos os seres irradiam uns aos outros e atraem-se e repelem-se entre si, com uma força que pode ser aumentada, diminuída e dirigida pela ciência.

III

O magnetismo universal não foi ainda examinado pela ciência além de suas manifestações astrais e metálicas.

IV

Por meio da ciência, compõem-se imãs metálicos artificiais mais fortes que os naturais.
V
Poder-se-ia chegar ao mesmo resultado para todas as especialidades de imãs.
VI
Aumenta-se o magnetismo humano natural, através do regime e do exercício; podem-se fazer imãs humanos artificiais compondo grupos e círculos equilibrados.
VII
Magnetizam-se os pares com a direita e os impares com a esquerda.
VIII
Os semelhantes repelem-se e os opostos atraem-se.
IX
Os imãs observados pela ciência têm dois pólos e um centro. O imã humano representado pelo pentagrama tem tantos pólos como centros. Os dois pólos da cabeça são os dos pés; os dois pólos da mão direita são a mão esquerda e o pé esquerdo; os dois pólos da mão esquerda são a mão direita e o pé direito; os dois pólos do pé direito são a cabeça e a mão esquerda; os dois pólos do pé esquerdo são a cabeça e a mão direita.
X
O imã humano é duplo em cada sujeito: masculino, ou seja, irradiando à direita; e feminino, ou seja, absorvendo à esquerda, com matizes e irregularidades causadas pela diferença dos hábitos e caracteres.
XI
Os sujeitos nos quais predominam o magnetismo irradiante são magnetizadores. Aqueles nos quais abunda o magnetismo absorvente são sujeitos magnéticos.
XII
Os magnetizadores, quando não se sabe resistir-lhes, podem ser fascinadores; e os sujeitos magnéticos, quando não se lhes domina, transformam-se facilmente em vampiros entre os vivos.
XIII
As mulheres irradiantes são as inspiradoras ou os flagelos dos homens débeis e as mulheres absorventes são as Dalilas dos homens fortes.
XIV
Um homem e uma mulher superiores não se harmonizarão nunca juntos. Victor Hugo e George Sand fariam um mal casal e de um ensaio de aproximação entre Benjamin Constant e Mme. de Stael nasceu a triste e bela novela de Adolfo. Para amar a Lelia tem-se que ser Estênio e resignar-se; morte do espírito e do coração.
XV
J.J. Rousseau obedecia a esta lei magnética quando se casou com Teresa Levasseur. Teresa foi por longo tempo para ele uma companheira suave e delicada; porém, ele a deixou ver tais debilidades que ela acreditou ser superior a ele e tornou-se despótica. Quando o achou completamente louco, preferiu um lacaio. Sim se quer permanecer senhor entre os débeis não há que revelar jamais debilidade com eles.
XVI
Duas pessoas formam uma força, três formam um grupo, quatro formam um círculo. Na cena simbólica da transfiguração, Jesus ao centro está polarizado no céu por Moisés e Elias; e sobre a terra, São Pedro ao centro, esta polarizado por São Tiago e São João. Dois grupos reunidos formam um círculo perfeito.
XVII
Doze homens ativos e disposto a dar a sua vida para difundir a idéia de um mestre podem mudar a paz do mundo, os apóstolos o demonstraram fazendo milagres.
XVIII
Existe a necessidade de compadres para os escamoteadores e de crentes para os profetas. Sem isto nada triunfa.
XIX
Os feiticeiros fazem verdadeiros milagres quando estão ajudados pela credulidade dos imbecis.
XX
Porém, eu vos digo, em verdade, taumaturgos pequenos e grandes; sejais profetas, embusteiros ou feiticeiros, não vos presteis jamais ao ridículo. Nada quebra tanto os círculos magnéticos como uma gargalhada.
XXI
Um profeta a quem mata-se, renasce ao terceiro dia; porém, um profeta de quem se ri, não é mais

que um louco ou um jumento.

XXII

Poncio Pilatos assim compreendeu quando apresentou Jesus ao povo disfarçado de rei de uma casa de loucos. Para impedir este homem de ser um Deus, era necessário transformá-lo numa figura ridícula; porém, os sacerdotes aos quais havia ferido de morte, queriam sangue e fizeram dele um mártir. Todos sabem o que lhes custou este erro.

XXIIII

Garibaldi, e Roland de Palermo, o Dom Quixote de Mentana, se diz, acaba de escrever uma novela. Não sei se este livro está bem ou mal; porém, terminará de uma forma bastante burlesca a história de Garibaldi. Que não sonha mais este herói em, conquistar os reinos; não poderá de agora em diante, conquistar senão a ilha da Barataria.

XXIV

Desde o escandaloso e ridículo assunto do colar, Cagliostro nada mais fez de maravilhoso; e acabou sendo tolamente encarcerado em Roma, onde morre como charlatão, depois de ter sido grande copta.

XXV

Os charlatães gostam de exibir-se e os verdadeiros adeptos ocultam-se. Com malabarismo, ganha-se dinheiro; fazendo obras de ciência pode-se atrair perseguições. Não é a luz que temem os sábios, é as olhadas e obsessões dos loucos.

XXVI

A razão existe em si mesma como as matemáticas puras. Não está no homem: os homens agem segundo seus sentimentos pessoais que não são nunca a absoluta razão. Pois bem, os sentimentos humanos formam-se pela educação, pelos conselhos e pelo exemplo; é por isto que existe solidariedade entre os homens; e que Deus, ou seja, a razão suprema, responde por todos eles e deve salvar a todos. É por isso também que as grandes paixões são contagiosas; e as fortes vontades, soberanas entre os homens.

XXVII

Sendo a razão o limite contra o qual se rompem fatalmente todas as aspirações da loucura humana, a grande maioria dos homens foge e detesta a razão. Se os apaixona furiosamente e se os ata invencivelmente divinizando para eles a loucura, é porque encontram neste sacrilégio a apoteose de seus desejos.

XXVIII

Um homem sem paixões não é nunca um magnetizador; porque não um foco de embriaguez; pode acalmar, porém não excita. Os verdadeiros apóstolos da razão jamais fizeram prosélitos; a vantagem que tem sobre os demais é que, se não arrastam a ninguém, ninguém tampouco os arrasta.

XXIX

Uma imensa loucura a serviço de uma grande razão, ocultando a razão e decorando a loucura, eis o segredo do êxito e do arraste das multidões.

XXX

Os sábios que morrem pela razão legam sua ciência à loucura. Deve-se viver pela razão, servindo-se da loucura: HOC EST ARCANUN MAGNUM.

XXXI

É possível ligar-se a verdade; porém, só é possível apaixonar-se pela mentira; porque a paixão é o arrebatamento e a obstinação e o absurdo.

XXXII

Todas as religiões humanas têm um lado verdadeiro e outro falso. É pelo seu lado falso somente que inspiram o fanatismo.

XXXIII

Para fazer os homens aceitarem uma nova verdade há que envolvê-la com novas mentiras. Estes véus sucessivos são as chamadas revelações. As revelações sucessivas são e devem ser uma sucessão de mentiras, já que a verdade não muda. Dizer que Deus fez-se judeu com Moisés, depois cristão com Jesus Cristo, logo muçulmano com Mahomé... não é falar seriamente.

XXXIV

As correntes magnéticas vão de um pólo a outro passando pelo centro sem jamais deter-se neste. A reação é sempre proporcional a ação; porém, as vezes, a reação ganha em duração o que perde em intensidade. Depois de um ano de louco amor, pode-se odiar friamente durante vinte anos.

XXXV

O magnetismo do mal opera mais rapidamente e mais violentamente que o magnetismo do bem; porém, quebra-se por sua própria violência e o bem sempre triunfa. O bem é conservador e reparador,

o mal é perturbador e destruidor.

XXXVI

O magnetismo é a serpente astral que promete a mulher um poder divino e que a arrasta à morte. É também a dupla serpente que se enrola ao redor do caduceu de Hermes.

XXXVII

O caduceu é o centro do equilíbrio. Sejais donos de vós mesmos e sereis senhores dos outros. Sejais equilibrados e sereis equilibrantes. A vara de Moisés é a mesma de Hermes. Quando a lança transforma-se em serpente; quando se torna a pegá-la, transforma-se outra vez em vara. Nesta alegoria tem-se que ver o grande segredo da direção do magnetismo.

XXXVIII

O que se irradia de nós sob o império da nossa vontade, volta a nós sob o império da fatalidade. Se é luz de vida, nos imortalizará; se é o fósforo da morte, nos fará morrer... talvez para sempre.

CAPÍTULO V
A MORTE

I

A morte é a dissolução necessária das formações imperfeitas; é a reabsorção dos esboços da vida particular no grande trabalho da vida universal. Não é imortal mais que o perfeito.

II

É um banho de esquecimento. É a fonte da juventude onde submergem-se por um lado os anciãos e de onde saem da sombra as crianças.

III

A morte é a transformação dos vivos. Os cadáveres são as folhas mortas da árvore da vida que, na Primavera, terá ainda todas as suas folhas. A ressurreição dos homens assemelha-se eternamente a das folhas.

IV

As formas perecedouras estão determinadas pelos tipos imortais.

V

Todos os que viverem sobre a terra vivem nela ainda nos moldes novos de seus tipos; porém, as almas que depuseram seu tipo, recebem em outra parte uma nova forma determinada por um tipo mais perfeito, elevando-se sempre na escala dos mundos. Os maus e vazios são quebrados e sua matéria retorna à massa comum.

VI

Nossas almas são como uma música da qual nossos corpos são os instrumentos; a música subsiste sem o instrumento; porém, não pode se fazer ouvir. Sem um mediador material, o material é inconcebível e inapreensível.

VII

O homem não guarda das suas existências passadas senão predisposições particulares na existência presente.

VIII

O pecado original pelo qual Jesus Cristo responde, é a inocência devolvida a todos os homens. A responsabilidade ante Deus supõe a perfeição e o homem perfeito é impecável.

IX

As evocações são as condenações das lembranças; e a colocação mediante imagens, das sombras. Evocar aqui embaixo aos que não estão mais, é fazer surgir seu tipo da imaginação da natureza.

X

Para estar em comunicação direta com a imaginação da natureza têm-se que estar no sonho, na embriagues, no êxtase, na catalepsia ou na loucura.

XI

A lembrança eterna não conserva mais que as coisas imperecíveis. Tudo o que acontece no tempo pertence de direito ao esquecimento.

XII

A conservação dos cadáveres é uma resistência às leis da natureza. É um ultraje ao pudor da morte que oculta suas obras de destruição como nós devemos ocultar as da geração. Conservar os cadáveres e criar fantasmas na imaginação da terra. Os espectros do pesadelo, da alucinação e do medo não são senão as fotografias errantes dos cadáveres conservados.

XIII

São os cadáveres conservados ou mal destruídos os que espargem sobre os vivos a cólera, a

peste, as doenças contagiosas, a tristeza, O ceticismo e o tédio para a vida. A morte exala-se da morte. Os cemitérios envenenam a atmosfera das cidades e as mesmas dos cadáveres voltam raquíticas às crianças até ao seio de suas mães.

XIV

Perto de Jerusalém no vale do Gehenna, alimentava-se um fogo perpétuo para consumir as sujeiras e os cadáveres dos animais, e é a esse fogo eterno que Jesus faz alusão quando diz que os malvados serão lançados na Gehenna, para fazer entender que suas almas mortas serão tratadas como cadáveres.

XV

O Talmud diz que as almas dos que não acreditaram na imortalidade, não serão imortais. Só a fé dá a imortalidade pessoal; a ciência é a razão não afirmam senão a imortalidade coletiva.

XVI

No catecismo dos israelitas lê-se: "Nós cremos nas recompensas e nos castigos após a morte; porém, não sabemos de que natureza são estes castigos e estas recompensas". Positivamente, sobre isto, podemos conjeturar ou aceitar crenças, porém, não sabemos absolutamente nada, e os cristãos razoáveis devem pensar como os israelitas. Pois bem, se sobre isto não sabemos nada, não é necessário que o saibamos. Façamos, pois, este livro e vivamos em paz.

XVII

O pecado mortal é o suicídio da alma. Este suicídio teria lugar se o homem se entregasse ao mal com toda a plenitude da sua razão com conhecimento perfeito do bem e do mal e com inteira liberdade; o qual parece impossível de fato, porém é possível de direito, já que a essência da personalidade independente é uma liberdade ilimitada: Deus não impõe nada ao homem, nem sequer o ser. O homem tem, o direito de se subtrair até à bondade de Deus e o Dogma do inferno eterno não é mais que a afirmação de liberdade eterna.

XVIII

Deus não precipita ninguém ao inferno. São os homens que podem ir livremente a ele, definitivamente e a sua eleição.

XIX

Os que estão no inferno, ou seja, nas trevas do mal e nos suplícios do castigo necessário, sem ter desejado absolutamente, são chamados a sair, e este inferno não é para eles mais que o purgatório.

XX

O réprobo completo, absoluto e sem retorno é Satã que é um ser sem razão, porém uma hipótese necessária.

XXI

Satã é a última palavra da criação. É o finito, infinitamente emancipado. Quis ser semelhante a Deus do qual é o oposto. Deus é a hipótese necessária da razão, Satã é a hipótese necessária do sem razão afirmando-se como liberdade.

XXII

Para ser imortal no bem, há que identificar-se com Deus. Para ser imortal no mal, há que identificar-se com Satã. Tais são os dois pólos do mundo das almas; entre estes dois pólos vegetam e morrem sem lembrança os animais e os homens inúteis.

CAPÍTULO VI

SATÃ

I

Satã é um tipo, não é uma pessoa real.

II

É o tipo oposto ao tipo divino e é em nossa imaginação o contraste necessário. É a sombra fictícia que nos torna visíveis à Luz infinita de Deus.

III

Se Satã fosse uma pessoa real, haveria dois deuses e a crença dos maniqueus seria uma verdade.

IV

Satã é a ficção do absoluto no mal. Ficção necessária para a afirmação integral de liberdade humana que, por meio deste absoluto fictício, parece equilibrar a mesma onipotência de Deus. É o mais atrevido e, talvez, o mais sublime dos sonhos do orgulho humano.

V

Sereis como OS DEUSES, conhecendo o bem e o mal, diz a serpente alegórica da Bíblia. Com efeito, erigir o mal na ciência é criar um Deus do mal e se um espírito pode resistir eternamente a Deus, aí não há um Deus, senão deuses.

VI

Para resistir ao infinito, é necessário uma força infinita. Pois bem, duas forças infinitas opostas uma à outra, se anulariam reciprocamente. Se a resistência de Satã é possível, o poder de Deus não o é mais. Deus e o diabo destrõem-se mutuamente e o homem fica só.

VII

Fica só com o fantasma de seus deuses, a esfinge híbrida, o touro alado que balança na sua mão de homem uma espada cujos relâmpagos alternados levam a imaginação humana de um erro a outro e do despotismo da luz ao despotismo das trevas.

VIII

A história das desgraças do mundo é a época da luta dos deuses, luta que não acabou, porque o mundo cristão adora ainda um. Deus do diabo e teme um diabo de Deus!

IX

O antagonismo das potências é a anarquia no dogma. Por isso, a igreja que diz: "O diabo é o mundo", responde com uma lógica horrível: "Deus não é". E seria em vão que para escapar à razão, se inventasse a supremacia de um Deus que permitisse ao diabo perder aos homens; uma tal tolerância seria uma monstruosa cumplicidade e o Deus cúmplice do diabo não pode existir.

X

O diabo dogmático é o ateísmo personificado. O diabo filósofo é o ideal exagerado da liberdade humana. O diabo real ou físico é o magnetismo do mal. O diabo vulgar é o compadre de Polichinelo.

XI

Evocar ao diabo é realizar durante um instante sua personalidade fictícia. Para isto, é necessário exagerar em si mesmo, além de toda medida, a perversidade e a demência, pelos atos mais criminais e insensatos.

XIII

O resultado desta operação é a morte da alma pela loucura e freqüentemente a mesma morte do corpo fulminado por uma congestão cerebral.

XIV

O diabo pede sempre e não dá nunca.

XV

São João chama-o a besta, porque sua essência é a imbecilidade humana.

CAPÍTULO VII

OCULTISMO

I

Liberdade, igualdade, fraternidade!, diz a democracia moderna. Sim, liberdade para os sábios, igualdade entre os homens elevados ao mesmo grau da hierarquia humana e fraternidade para a gente de bem. Porém servidão necessária para os insensatos, hierarquia para a humanidade inteira e guerra entre os egoístas e os malvados. Eis aí as leis da natureza.

II

A humanidade está colocada sobre uma escada imensa cujo pé submerge-se nas trevas e cujo cume oculta-se na luz. Entre estas duas extremidades, existem inúmeros degraus.

III

Aos homens da luz, as palavras claras, aos homens das trevas as palavras escuras e aos intermediários, a discussão eterna das palavras duvidosas.

IV

Os homens que estão acima são os videntes; os homens que estão abaixo são os crentes; os homens do meio são os sistemáticos e os que duvidam.

V

Os videntes são os sábios, os crentes cegos são os loucos e os que duvidam não são nada, porém oscilam entre a sabedoria e a loucura, subindo às vezes, descendo outras e não se achando bem em nenhuma parte.

VI

É necessário a verdade para os sábios, é necessária a dúvida para os arrazoadores, é necessária a fábula para os loucos e as crianças. Conta uma fábula a um sábio e verá nela uma verdade. Dizei uma verdade a um raciocinador e a revogará como dúvida; dizei uma verdade a um louco e a tornará como uma fábula.

VII

Não se tem, pois, que falar a todos os homens da mesma forma.

VIII

Eis aqui porque os dogmas religiosos devem ser obscuros e até absurdos em aparência. A religião dos sábios é a alta filosofia e a religião propriamente dita substitui, para os loucos, a filosofia da qual são incapazes. Enquanto os que duvidam, não têm nem filosofia nem religião. Uma religião cujas fórmulas foram razoáveis, seria inútil para os sábios e desprezada pelos loucos. A melhor religião, ou seja, a mais apropriada às necessidades da estupidez humana, deve ser, pois, a mais obscura e a mais absurda de todas e é isto que faz a superior idade incontestável do Catolicismo Romano.

IX

Para os sábios, esta religião sublime é uma irmã de Caridade. Para os loucos, é a infalibilidade pessoal do Papa. Para os arrazoadores, é uma estupidez... mais forte, porém, e mais vitoriosa que a sua pretendida razão.

X

Não se dá a religião aos loucos com razões e virtudes; eles precisam de fórmulas ininteligíveis e práticas minuciosas que os ocupem sem que tenham necessidade de pensar. E não se pode nem sequer fazer-lhes aceitar a razão senão sob a máscara do mistério e da loucura. Se Moisés tivesse demonstrado sabiamente aos judeus que a higiene é necessária para a saúde, os judeus teriam ficado cheios de parasitas e de lepra. Em lugar de fazê-lo, ele prescreveu-lhes abluções legais em certas horas e com certas cerimônias. Deixou-lhes crer que Deus ocupava-se de suas vestimentas e de suas vasilhas. É necessário purificar os vasos, quebrar os recipientes que se tem impregnado de ar viciado ou que tem servido durante muito tempo, não ter relações com uma mulher durante seus períodos, etc., etc. Tudo isto unicamente porque Deus o ordena e tais devem ser as práticas de seu povo privilegiado. Os rabinos tem sobrepujado a Moisés e têm dado às observações legais um caráter de tirania e de absurdidade que é a própria força do Judaísmo e que o tem feito se conservar através das idades, apesar das perseguições do fanatismo e os progressos da filosofia. Eis aqui o que deveriam compreender os livres pensadores.

XI

Quando o Papa Pio IX, por haver ensaiado conciliar a fé e o progresso, a religião e a liberdade, viu-se expulso da sua cidade e da sua cadeira pelos companheiros de Garibaldi e os agitadores de Mazzini, viu que tinha percorrido um caminho falso. Compreendeu do absolutismo, que se a fé relaxava-se, é porque tinha necessidade que se a autoridade eclesiástica debilitava-se é porque carecia de mais profundos mistérios e de mais inexplicáveis absurdidades. Então canonizou a São Labre, proclamou a Imaculada Conceição e publicou a Syllabus. O gênio sacerdotal reconheceu então nele seu verdadeiro mestre e os bispos reunidos em Roma estiveram dispostos a proclamá-lo infalível.

XII

O que a Igreja precisa não são homens de gênio: são diretores hábeis e sobretudo Santos; ou seja, magnetizadores entusiastas e observadores. Os homens de gênio jamais foram católicos, pois Bossuet era anglicano, Fenélon quistista, Pascal jansenista, Chateaubriand romântico, Lamennais socialista; e, ainda agora os que perturbam a Igreja São os homens de talento: Monsenhor Dupanloup, o bispo Strossmayer, o padre Cratry, o padre Jacinto; todos esses homens notáveis que possuem o gênio do século e não têm o do sacerdócio.

XIII

As opiniões humanas buscam em vão aniquilar o que a natureza conserva.

XIV

Fala-se de religião natural; porém, a mais natural das religiões a mais absurda, já que é muito natural que os homens caiam no absurdo quando querem formular o desconhecido.

XV

Falai de sabedoria às crianças e farão caretas e pensarão em Croquemitaine; porém, contai-lhes "Pele de Asno" e vereis como o escutarão.

XVI

Vós dizeis que as crianças cresceram. Sem dúvida; porém, haverá sempre outras crianças.

XVII

Não arrazoeis sobre cores com os cegos, senão conduzi-os; e, não fecheis os olhos para deixar conduzir-vos por eles. Os oráculos que se recebem de olhos fechados são aqueles dos sonhos ou da mentira. Entre os hebreus, quando se queria fazer falar a Deus tirava-se a sorte; procedimento simples, porém ingênuo. Entre os cristãos têm-se colocado primeiro, as respostas de Deus maioria de votos nos concílios, sem refletir muito no pequeno número de eleitos e no grande número de loucos. Depois, têm-se chegado a fazer depender o oráculo de Deus do desejo do Papa. O concílio de Nicéia decidiu que o filho de Deus é consubstancial com seu pai; o qual é, segundo a expressão do

Evangelho, supersubstancial, ou seja por cima de toda substância. O concílio de Éfeso declarou que Deus tem uma mulher por mãe. O Papa Pio IX quis que esta mulher tivesse sido concebida sem pecado, o que faz depender o pecado original do capricho de Deus; já que pode executar àquele que melhor lhe parecer. Colocar em votação uma fórmula obscura ou contraditória, não é o mesmo que tirar sorte para obter um oráculo? Tanto vale a decisão do Papa como a de um concílio, quando trata-se da substância de Deus ou da imaculada Virgem. E, se trata de saber UTRUM CHIMDERA IN VACUM BOMBINANS POSSIT COMEDER SECUNDAS INTENTIONES, se o Papa diz, "sim", eu não terei força de dizer "não", e se ele diz "não", nada me provará que seja "sim" o que devia-se dizer. Porém, que por semelhantes questões os príncipes e os povos possam armar-se uns contra os outros é o que não se poderá suportar mais, uma vez que os homens chegaram a ter um pouco de razão.

XVIII

Sendo o infinito um absurdo que se afirma invencível frente à ciência, precisam-se fórmulas absurdas para manter no homem que não arrazoa, o grande sonho do infinito.

XIX

Dada uma quantidade de homens sérios aos quais interessa absolutamente saber se há que chamar branco ou preto, redonda ou quadrada uma entidade abstrata, impalpável e invisível; que é melhor, tirar a sorte, pôr a coisa em votação ou aceitar o que resolve o presidente da assembléia, supondo que o que ele diga seja incontestável? Os três procedimentos são insensatos; porém o ú1timo é ainda o menos irracional; porque podem-se preparar os dados, podem-se comprar os votos, no entanto se está seguro que o Papa operará sempre em seu interesse, que é o do Catolicismo Romano.

XX

Buscando a Deus no absurdo encontra-se ao diabo; porém, procurando ao diabo não se encontra a razão. Analisai a Deus e ao diabo do vulgo; encontrareis no Deus o ideal poetizado do diabo e no diabo a caricatura de Deus.

CAPÍTULO VIII

A FÉ

I

Certo dia uma mulher apareceu em uma praça de Alexandria. Em uma mão portava uma tocha acesa e na outra uma vasilha com água. "Com esta tocha", exclamou, "quero incendiar o céu; com esta água quero extinguir o inferno para dissipar todos os fantasmas que ocultam meu Deus e não crer mais do que nele só".

II

Nós não podemos compreender o Deus. Podemos apenas saber o que dizemos quando sussurramos seu nome; porém, sentimos em nós uma necessidade imperiosa, invencível, absoluta de crer e de amá-lo.

III

Pode-se amar seriamente, pode-se amar por muito tempo aquilo que não existe? Pois bem, o amor de Deus é o único que dura tanto como a vida e que se sente bastante poderoso e bastante crente para acreditar na vida eterna!

IV

Oh, sim! Ele muito mais do que somos nós, porque o amamos mais que a vida. É melhor que todas as bondades humanas, porque o amamos mais que a nossos pais e a nossas mães. E mais belo que todas as belezas mortais porque o amamos mais que a nossas mulheres e a nossas filhas.

V

Nossas almas tem fome da divindade, têm sede do infinito e sentimos nossos corações crescerem até a imensidão no sonho do sacrifício eterno.

VI

Tudo é de seu ser, tudo vive da sua vida. Tudo irradia da sua luz; tudo ri e canta da sua alegria. Ele está em nós, está ao redor de nós, nos toca, nos fala, chora em nossas lágrimas, fortifica-nos em, nossa dor; esquece-se dos nossos erros e lembram-se dos nossos bons desejos; tudo o que se ama de belo, tudo o que se deseja de bem, tudo o que se admira de grande, tudo o que se exalta de sublime, é ele, é ele, é ele. Ele está em tudo; todo inteiro em toda parte sem que possa ser dividido ou contido. Não é nada do que podemos ver, tocar, mostrar, medir, definir. É tudo o que podemos desejar, admirar, venerar, amar. Ele não é o ser, o princípio do ser; não é a vida, é o pai da vida; é mais verdadeiro que a verdade, mais imenso que a imensidade, melhor que a bondade, mais belo que a beleza. Toda substância vem dele, porém ele mesmo não tem substância. Nele tudo é lei sem ser

constrição, tudo é liberdade sem antinomia e sem antagonismo; sua vontade é imutável e não está acorrentada, pode tudo o que quer e não pode querer se não o bem. Na afirmação eterna do verdadeiro, do belo, do bem e do justo. É a inalterável serenidade de um sol sem declinação. Jamais interrompe o curso das suas leis, não opera sobre o homem senão pela natureza, não se irrita nem se acalma e nós não lhe rogamos para aprender e para nos exercitarmos em desejar o bem!

VII

Que se pode dizer quando tentamos falar dele, senão incoerências e absurdos? Não é ele o infinito indivisível, o todo sem partes, o existente sem substância?... Dogmas humanos, palavras de delírio, sejam esquecidas! Deus seria finito se pudesse ser definido; não falemos mais dele, vivamos para sempre em seu amor! Símbolos, imagens, alegorias, lendas, são os sonhos da sua sombra... o amor é a realidade da sua luz.

VIII

Amemos a verdade, amemos a razão, amemos a justiça e amaremos a Deus e lhe renderemos o verdadeiro culto que pede! Amemos tudo o que foi criado, tudo o que anima, tudo o que ama e o sentiremos viver em nós!

IX

Comunguemos com ele, comunguemos uns com os outros, comunguemos! Eis aqui a ú1tima palavra da f é universal! Comunhões, digo; e não mais excomunhões!

X

Aquele que excomunga, se excomunga. Aquele que maldiz, se maldiz. O que reprova, se reprova. A condenação só é condenada.

XI

"Nós temos o Alcorão", dizem os partidários do Islamismo; "Para que serve o Alcorão", dizem os cristãos, "se temos o Evangelho?". "Para que o Evangelho" dizem os hebreus: "nós temos o Sepher Torah". E eu digo: para que o Sepher Torah se temos a Deus? Porém estes livros sagrados são como os véus de diferentes cores que estavam superpostos sobre o Tabernáculo. Viva Deus no Alcorão! Viva Deus no Evangelho! Viva Deus no Sepher Torah! Porém, por cima de tudo, vive Deus no coração dos justos! Viva Deus na justiça e na caridade! Viva Deus na solidariedade e na fraternidade universal!

XII

Amar a Deus é ver a Deus. Deus não é visível senão pelo amor, e este amor é a recompensa dos corações puros. Sente-o eterno, sente-o infinito. Não se define nada, não se procura nada, não se duvida de nada, não se teme nada, não se desejada nada se o ama!

XIII

A aquiescência perfeita da lei, a calma inalterável na contemplação do que é, a esperança desinteressada do que deve ser, a certeza do bem e o repouso no absoluto, eis aí o Nirvana de Cakia-Muni tão mal interpretado pelos que querem ver nele o aniquilamento da iniciativa Humana; eis aí a perfeição do homem.

XIV

O amor divino é o pai dos verdadeiros milagres; ele transforma a natureza, dá à dor uma atração maior que a do prazer; sobe e cresce sobre os obstáculos; cria um mundo fechado à ciência e à filosofia; é o esplendor através do véu; é a real idade que os invade de repente e que os fixa numa convicção mais inquebrantável que todas as certezas humanas.

XV

Sem, o amor divino não se pode amar aos homens: os homens sem pai não têm irmãos. O homem é um monstro para o homem sem Deus.

XVI

A eternidade bem-aventurada começa com o amor divino; estamos na glória, estamos no céu, moramos no infinito!

XVII

Que me cubra com purpura de Salomão com as ú1ceras de Job, eu direi: "Te amo". Se me diz: "Te expulso da minha presença", responderei. "Te amo e tua presença me seguirá". Se me diz: "Te reprovo", responderei: "Te escolho", e se ele quer me torturar, meu amor tomará asas para se elevar mais alto que as nuvens, e caminhará sobre a tempestade.

XVIII

É que eu não creio no Deus dos homens, eu creio no Deus de Deus mesmo!... eu creio neste amor sobrenatural que é a onipotência de Deus vivo para sempre em meu coração.

XIX

Bendirei nas cidades e nos campos, nos desertos e sobre os mares! Rogar-lhe-ei nas Igrejas, ao ruído misterioso dos órgãos, proclamá-lo-ei nas sinagogas, aos esplendores do Buccin, prosternar-me-

ei ante ele nas mesquitas, ao chamado monótono do Muezzin... Porém melhor que tudo isto e seguindo a palavra do grande mestre, retirar-me-ei a meu quarto e rogar-lhe-ei em meu coração!

XX

Retirar-me-ei na solidão, porém não ficarei fechado nela. Está por acaso Deus comigo só? Não está vivente na natureza inteira? Não se expande a sua beleza nas flores, nas crianças e nas mulheres? Não se sente no meio das debilidades e das agitações dos homens a força que os domina e que os conduz? Não fugirei, pois, dos homens porque suas vaidades me enojam: seria egoísta e enganar-me-ia se dissesse que amo a Deus. Amarei a teus filhos, o, meu pai! Sobretudo quando estiverem doentes e parecerem abandonados por ti; porque então pensarei que os confias a mim. Chorarei com os que choram, rirei com os que riem, cantarei com os que cantam. As carícias de uma criança far-me-ão estremecer de alegria e a lembrança de uma mulher me fará sonhar em teu amor. Porque não há nem malditos nem bastardos na tua família Criaste tudo em tua sabedoria e conduziste tudo ao bem pela tua bondade. Todo amor vem de ti e volta a ti. A mulher a medianeira da tua graça; e, o vinho que revigora o coração do homem o auxiliar do teu espírito. Longe de mim os que te caluniam e dão teu nome a execráveis imagens. Que se esqueça para sempre esse pesadelo da antiga barbárie, esse verdugo das suas criaturas a quem acumula em uma imensa podridão onde conserva-as vivas salvando-as com fogo! Que se despreza para sempre a esse amo caprichoso como a uma cortesã romana que escolhe a uns e rejeita a outros, que se irrita definitivamente por um esquecimento, que sacrifica para si a seu próprio filho em favor daqueles contra quem não lhe apraz irritar-se, tornando-se cada vez mais implacável para com todos os demais! Velhos ídolos, velhos erros, nuvens disformes da noite, das antigas idades, o sol se levanta, seus raios atravessam de todos os lados, como flechas de ouro. Retira-os para a noite, nuvem de inverno, a primavera sopra, dissipa-os, passai, passai!

XXI

O homem não é, não foi nunca e jamais será infalível, quaisquer que sejam as suas pretensões e suas dignidades sacerdotais. Não há outra infalibilidade que o amor supremo unido a absoluta razão.

XXII

A razão sem amor carece de exatidão na ordem moral, porque carece de justiça. O amor sem razão conduz fatalmente à loucura. Tenhamos pois, fé no amor inseparável da razão.

XXIII

Com esta fé, se sabeis, se quereis, se ousais e se tens a arte de calar-vos, sereis mais forte que o mundo; e, o céu e a terra, cumprirão vossas vontades. Fareis, seguindo a promessa de Cristo, todos os milagres que ele fez e até maiores ainda. O Mal desaparecerá ante vós e a dor será trocada por consolações divinas. Sentireis em vós a vida eterna e não temereis mais a morte. Nada vos faltará e não tereis mais decepções na vida. Os que queiram prejudicar-vos, danar-se-ão a si mesmos e vos farão o bem.Tereis a riqueza como auxiliar, a pobreza por salvaguarda e por amiga; porém a horrorosa miséria não vos acercar-se-á jamais. Os espíritos do céu vos acompanharão e vos servirão. A providência cumprirá e proverá todos os vossos desejos. Vosso alento purificará o ar, vossa palavra espargirá a alegria nas almas; vosso contato devolverá a saúde aos doentes; se cairdes não vos ferireis e se querem fazer-vos mal, este retornará sobre quem o tenha querido.

CAPÍTULO IX
A CIÊNCIA

I

O absoluto indefinido é o ser e o absoluto definido é o saber. O ser inconsciente não se escora; é escorado pela ciência de outro ser. O ser que se escora é o ser que sabe. O saber absoluto é idêntico a absoluta entidade do ser. O ser moral é proporcional ao saber. Quanto mais se sabe mais se é quanto mais se é, mais se merece e mais se deve.

II

A ciência é o ponto fixo ao redor do qual o amor, ou seja, a fé, deve fazer circular a razão.

III

A ciência é o princípio da sabedoria; ela se eleva do fato lei e não conhece nada mais alto; porém inclina-se então ante a fé que, vendo quanto a lei é boa, concluí que ela é querida por uma vontade sábia.

IV

A fé que precede a ciência não pode ser mais que provisória, a menos que não seja insensata.

V

Há que ter fé na ciência para chegar à ciência da fé.

VI

Fala-se de moral independente. Este epíteto não é exato. A moral depende da lei. Então, é a ciência que nos faz conhecer a lei que nos da razões para acreditar no princípio vivente e vivificante da lei.

VII

A ciência afirma o infinito, quebra todas as correntes e rompe todas as prisões do pensamento. Ela faz descer o céu até nós e abre à nossa alma horizontes ilimitados; analisa os sóis, se vê por todos os lados formigar astros sobre nossas cabeças, ao nosso lado e sob os nossos pés, esparge por toda parte a luz e a vida e não deixa lugar nem para a morte nem para o inferno.

VIII

A ciência dissipa os terrores do desconhecido, libera-nos dos nossos preconceitos, dá uma regra certa aos nossos desejos e uma carreira infinita a nossa atividade estimulada por legítimas esperanças.

IX

Afundar a ciência é aprofundar o desespero, dizem-nos os crentes cegos e os cépticos desalentados, e eu contesto-lhes aprofundando a ciência, descobre-se a mina de ouro das esperanças legítimas.

X

A ciência é o instrumento do progresso é o progresso é a conquista da vida e da felicidade.

XI

Que me importa o desacorçoamento de Salomão e Agrippa? Do ponto em que eles se detiveram voltarei a marchar; de onde se sentaram com a cabeça entre as mãos, na beira de uma fossa entreaberta, levantar-me-ei cheio de entusiasmo e franquearei a tumba.

XII

A tumba! Essa porta que entreabrindo-se ao nosso lado, não nos deixa ver nada do que existe além; essa porta atrai meu desejo pelo desconhecido. La, a ciência não se detém, e o umbral do santuário onde se oculta o absoluto, é a entrada de uma nova ciência.

XIII

Saber é ter, saber é ser. saber é viver! Crer, esperar, amar; que é tudo isto se não se sabe nem o que se crê, nem o que se espera, nem o que se ama?

XIV

Se o objeto da fé não é o postulado supremo da ciência, não é nada.

XV

A ciência quer a religião porque sabe que a religião é necessária. Quer uma religião eficaz, ou seja, criadora e realizadora da fé. Quer uma religião hierárquica, porque a hierarquia é a lei natural da natureza. Quer uma religião monárquica, porque não pode haver mais do que um Deus e porque a monarquia regulamentada pelas leis é o governo mais simples, mais forte e mais perfeito. A ciência quer, pois, a religião tal qual está preparada na Igreja católica, apostólica e até o presente, romana. Os pastores ignorantes desta Igreja, podem muito bem querer marchar retrocedendo; a terra gira apesar do que tenham dito os juizes de Galileu, e ela arrasta-os para frente.

XVI

Durante dezoito séculos e meio eles tem-se declarado infalíveis, de uma infalibilidade divina, milagrosa, indefectível; este poder que só a razão absoluta pode ter, acabam de abdicá-lo espontaneamente, livremente. Isto foi feito não por revelação; senão depois de deliberações, discussões e a maioria de votos, como se fazem as leis humanas. Agora, o Papa e infalível pela infalibilidade deles e não pela de Deus. O milagre cessou; sucedeu-lhe a convenção disciplinaria; não é este o imenso acontecimento na ordem religiosa, para o qual, segundo José de Maistre, nós marchamos com acelerada rapidez? Vós vedes que também marcha esta Igreja que se diz retardatária. Viva, pois, a nova infalibilidade do soberano pontífice! Não esta constituído o dogma? Podem de novo ser postas em discussão as bases da fé? E não alcança para impor silêncio aos teologastros disputadores, a voz do pastor supremo? Venha um papa, homem de ciência e de gênio e, por sua infalibilidade pessoal, poderá regenerar a Igreja, suprimir os abusos, anular o protestantismo, reunir todos os crentes, abolir todos os anátemas, bendizer ainda aos Budistas e aos Muçulmanos, o que seria impossível para sempre se tivesse necessidade, para isto, do consentimento de um concílio.

XVII

Todo dogma que se torna necessário, deve, pelo mesmo fato da sua necessidade, ser considerado como revelado por Deus; porque Deus é a Providência, já que a lei religiosa está feita para o homem e não o homem para a lei, já que toda revelação vem da inspiração dos homens que crêem e fazem crer aos outros o que a piedade lhes sugere. Porque é assim que a ciência pode compreender e explicar a fé.

XVIII

A turba dos semi-sábios e a vil multidão dos ignorantes incrédulos pensa que se destrói a religião com a ciência. O contrário é verdadeiro. A religião está na essência mesma da alma humana e a verdadeira ciência bem o vê. A ciência não tomba senão os ídolos ridículos e ainda guarda-se bem de quebrá-los, conserva-os para suas coleções e seus museus.

XIX

A arte a flor da árvore da ciência. Pelo gênio estático conserva-se o culto do ideal da beleza. O belo é o esplendor do verdadeiro, disse Platão, e a ciência também tem suas belezas e seus esplendores. Toda doutrina que torna pequeno o ideal é uma falsa doutrina. Vós quereis combater minhas crenças: mostrai-me outras maiores e mais formosas! Vossa matéria trabalhada por forças fatais é espantosa. Vosso universo, máquina cega, é mais feio que Polifemo que, pelo menos, tinha um olho: vossa humanidade que se aniquila eternamente é horrível. Vejo o ser, vejo a luz, vejo ordem, vejo beleza, vejo que tudo isto é verdadeiro e não creio em vossas blasfêmias!

XX

A ciência da religião conduz à síntese dogmática, verdadeira catolicidade do mundo. A unidade das crenças e dos símbolos aparecerá então radiante em todos os povos e em todas as idades, e a similitude de todos os dogmas dos povos antigos e modernos levará os sábios e os crentes reunidos a proclamarem a grande ortodoxia humana. E há de se encontrar um grande pontífice universal que dirá: é assim. E todas as inteligências do universo responderão: Amém!

XXI

A falsa ciência, como a falsa religião, tem suas superstições e seus fanatismos. Não reconheço por desejos aqueles que têm medo dos fenômenos quando ainda não os podem explicar e que negam tudo o que não compreendem; não reconheço por Doutors aos que não ousam falar de outra forma senão como fazem nas academias oficiais. As ciências ocultas são o protestantismo desta falsa ortodoxia. São as ciências excomungadas e não julgadas pelos usurpadores de uma falsa infalibilidade.

XXII

O homem infalível é aquele que afirma o que se lhe está demonstrando, admite a hipótese necessária, examina as hipóteses prováveis, tolera as hipóteses duvidosas e rejeita as hipóteses absurdas. Aquele que regula sua crença segundo as leis e não segundo as opiniões, aquele que consegue extrair o bem do mal, perdoa, consola, não se irrita jamais e não deseja nada com violência; dele pode-se dizer o que se tem dito do próprio Deus: é paciente porque é eterno.

XXIII

A ciência não vê mais que fenômenos onde a ignorância não vê senão milagres. Estuda as maravilhas da natureza e as encontra maiores que os pretensos prodígios. Reconhece as leis supremas e não admite caprichos divinos. Sabe que na união, a matéria obedece a força, a força lei e que a lei é imutável como Deus.

XXIV

A ciência não pode ensinar nada contrário a fé. Porque, se em nome da fé alguém contradiz a demonstração da ciência, esse alguém não tem a fé; tem a crença cega e obstinada dos insensatos.

XXV

A Igreja não pode decidir nada que seja contrário a ciência e, por conseguinte, à razão. Porque seu veredicto seria então o de um tribunal incompetente.

XXVI

As raças humanas sucedem-se, aperfeiçoando-se; porém, cada uma delas tem sua infância, sua virilidade e sua decadência como os impérios e como os homens. As raças anteriores à nossa envelheceram, enervaram e morreram; é o que explica o dogma do pecado original e da decadência adâmica. Deus manifesta-se na natureza, porém jamais nos falou pela boca dos homens, é o que quer dizer na Índia e no Cristianismo o dogma da Encarnação. Existe solidariedade entre os homens; e, o rico deve pagar pelos pobres: eis o dogma da Redenção. Concebemos a Deus como poder, sabedoria e amor: eis aqui o dogma da Trindade. O homem possui seu livre arbítrio; porém este livre arbítrio está sempre influenciado por uma atração. A atração do mal é a tentação do demônio. Assim, os méritos do homem vem de Deus e seus vícios de uma debilidade original a qual Deus a garante. Eis aqui toda a economia da salvação e as garantias da esperança.

XXVII

A fé não pode julgar a ciência, porém, a ciência pode julgar a fé.

XXVIII

Quando a Igreja voltar à ciência e quando a ciência voltar o mundo inteiro será católico.

XXIX

A religião do futuro não será o catolicismo, será a catolicidade. Adoração universal de Deus nas maravilhas da ciência, amor ao Deus vivente na humanidade e síntese de luz explicando, pela divergência de seus raios, os matizes de todos os cultos.

XXX

A fé separada da ciência não produziu e não poderia produzir se não falsas virtudes e verdadeiros crimes; o que salvar é o mundo é a ciência justificando a fé.

XXXI

O materialismo moderno não é mais do que uma represália apaixonada contra a fé que nega a ciência. É o absurdo negativo, oposto ao absurdo afirmativo. Tem sua razão de ser e terá seu tempo.

XXXII

A verdade religiosa surge de todos os símbolos reunidos e corrigidos ou explicados um pelo outro. O celibato de Cristo purifica os amores de Krishna. Diana Panthea com seu tríplice selo explica a maternidade da virgem. Da comunhão emana o verdadeiro socialismo, a cruz ansata de Oliveres é análoga a cruz do redentor. O paraíso de Maomé saiu do cantar dos cantares e a noção mais profunda de Deus encontra-se no símbolo de Maimônides.

XXXIII

A Bíblia nos diz que aquilo que fez o homem se perder foi a ciência do bem e do mal. Com efeito, uma ciência semelhante anula-se a si mesma afirmando simultaneamente os dois contrários mais irreconciliáveis que possa conceber o pensamento humano. É como se dissesse: a ciência do que é e do que não é, a ciência da verdade e do falso. O nada e o falso podem ser objeto de uma ciência? Existe uma ciência da torpeza e da necessidade? A ciência do mal é a criação do diabo, é a afirmação do inferno eterno, é a negação de tudo o que pode afirmar a ciência, é a ignorância erguida no princípio, é a realeza da inércia.

XXXIV

Os teólogos e os casuístas são os normandos da macieira de Eva; e, semearam suas sementes, voltaram a plantá-las, enxertaram-nas e multiplicaram-nas, recolheram seus frutos e fizeram sidra que deixaram envelhecer em tonéis fechados que se chamam tanoas.

XXXV

A verdadeira ciência, que é a ciência do bem, exclui a ignorância que faz cometer o mal. Eis aqui a macieira do Éden singularmente podada.

XXXVI

A ignorância produz a estupidez e a estupidez transmitida de pai para filho como uma tradição de prejuízos que se chama totalmente a fé de nossos pais. Eis o pecado original.

XXXVII

Ofender a Deus é bater contra a razão suprema. Pois bem, a razão suprema quebra sem raiva e sem piedade, tudo o que se opõe a ela, pois faz a lei e é, ela mesma, a lei.

XXXVIII

A lei eterna não perdoa jamais, há que se observá-la protetora e conservadora ou suportá-la rigorosa e dando a morte, não ao ser que não pode se aniquilar, senão ao que não deve ser.

XXXIX

A lei da destruição aplica-se somente ao mal, o bem é eterno. A natureza leva os imperfeitos a se devorar entre si. A guerra é o resultado equilibrante do egoísmo feroz dos amores dos homens e das nações! Se os maus destroem os bons é por culpa dos bons que não sabem ainda sustentar-se para reinar.

XL

Se até o presente, no mundo, os maus parecem mais fortes que os bons, porque os maus sabem fazer o mal e os bons não sabem fazer o bem.

XLI

É que os maus observam e operam, enquanto que os bons contentam acreditar e rogar. São vítimas que passam por mártires.

XLII

A verdadeira religião é inseparável da verdadeira ciência. Há que saber para crer com razão.

CAPÍTULO X
A AÇÃO

I

A ação é a resultante equilibrada do movimento dirigido pela inteligência.

II

O movimento é a manifestação da vida. A vida é a revelação fenomenal do espírito.

III

O espírito é a direção da força, a força sem direção não chegaria jamais à harmonia criadora.

IV

A harmonia é a balança genial dos números. É a física da natureza, percebida ou não.

V

As sensações são o resultado das vibrações e as vibrações compõem a harmonia dos sons, das impressões e dos matizes.

VI

Toda ação é uma força.

VII

A ação harmoniosa repete-se multiplicando, a ação dissonante produz uma reação equilibrante.

VIII

Se quereis que uma ação violenta se produza a direita, operai violentamente à esquerda, dito assim figuradamente.

IX

A criação eterna é a ação de Deus e da natureza. Pois bem, na natureza toda obra e a inação é impossível. Se o nadador se cansa de nadar, aciona o rio à submergi-lo.

X

A criação eterna a ação de Deus e da natureza. A morte aparente é ação particular que cessa e desaparece na ação universal.

XI

A morte é o oceano da vida no qual recaem, uma a uma, as gotas de água que se tornaram mais pesadas que a nuvem. Logo, o Sol fará subir outra vez uma nova nuvem sobre o mar e as gotas de água flutuarão no céu ainda que com seus trajes de vapor.

XII

Temos pois, que morrer mil vezes? Não! Nem sequer uma vez, porque a morte é a quimera dos vivos que a temem. A morte não existe se não que no medo da morte; e esqueceremos este temor quando vermos que a morte não existe. A Eternidade não lembra senão a vida.

XIII

Operar contra a ação universal é querer quebrar-se. Operar com a ação universal é exercer o poder divino; nisto acha-se indicado suficientemente o grande arcano da alta magia.

XIV

As ações do homem modificam o homem. Somos todos filhos de nossas obras.

XV

A substância inerte chamada matéria é o ponto de apoio da alavanca moral, ela expande e reflete de certa forma a ação que recebe, impregna-se da vontade do homem e pode tornar-se, pela influência magnética, um remédio ou um veneno.

XVI

O vinho derramado pelos sábios alegra e fortifica; o vinho dos insensatos embriaga e dá vertigem.

XVII

A matéria é o que os sábios querem que seja. Assim explica-se o mistério da transubstansiação.

XVIII

A fé que transporta as montanhas não é outra coisa senão a coalizão das vontades ativas para a realização de um sonho ou de uma utopia.

XIX

A vontade coletiva posta em ação dá sempre um resultado proporcional à potência das forças reunidas. Porém, quando opera em favor de um sonho, o que produz é sempre uma realidade contrária à fórmula do sonho. O ideal da redenção pelo sacrifício produziu a inquisição, o ideal da emancipação dos homens, não produziram, no tempo da maior exaltação de seus crentes, senão o regime de terror; porque os cristãos e os revolucionários idólatras – uns do sacrifício, outros da liberdade – acreditavam falsamente que, podia-se impor a aqueles que não são capazes e, sobretudo não compreendiam que não existe verdadeiro sacrifício sem liberdade nem liberdade verdadeira sem sacrifícios.

XX

As grandes religiões produzem grandes povos porque formam grandes forças coletivas e inspiram grandes ações.

XXI

Não existem heróis na solidão; os atos sublimes estão determinados sempre pelo entusiasmo de muitos. Os grandes crimes são igualmente o resultado de uma perversidade coletiva. O diabo na

Escritura chama-se legião e o bem triunfante chama-se o Deus dos exércitos.

XXII

O fogo do inferno é a atividade devoradora do bem que consome eternamente o mal.

XXIII

Jesus Cristo disse em uma dessas passagens do Evangelho, que a Igreja não pode jamais explicar ao comum dos fiéis. Fala dos reprovados e acrescenta: "O fogo os salgará como se põe sal sobre a cabeça das vítimas. O sal é o bem. Se chegasse perder sua força, com que se lhe salgaria? Guardai o sal em vós mesmos." Desta passagem dá-se ao vulgo esta explicação abominável: que o fogo conservará aos condenados na eternidade de seu suplício como o sal conservará as carnes mortas. É necessário intimidar aos incrédulos e aos perversos.

XXIII

Os débeis falam e não acionam, os fortes acionam e se calam.

XXIV

Tem-se falado de uma espada cuja empunhadura está em Roma e cuja ponta faz-se sentir em toda parte. Se esta espada existe, o que a forjou seria um hábil armeiro; tratai de fazer uma semelhante.

XXV

Weishaupt intentou-o, porém sua obra não foi duradoura, porque seus discípulos não diziam nem a missa nem o breviário, nem o rosário todos os dias.

XXVI

A magia e a religião são uma só e mesma coisa. Chama-se religião magia autorizada e magia a uma religião proibida.

XXVII

Se um cristão cessa de praticar não crerá por muito tempo, porém se um incrédulo começa a praticar, logo acreditará, porque a vontade não pode estar por muito tempo separada dos atos.

XXVIIII

A religião e a magia fazem igualmente milagres, porém o Deus da primeira é o diabo da outra e reciprocamente.

XXIX

Colocai o branco sobre o preto e o branco tornasse-a esplendor, colocai o preto sobre o branco e o preto tornasse-a profundidade. Mesclai o branco e o preto e obtereis um matiz fosco e desagradável que se chama cinza.

XXX

No mundo divino existem anjos brancos e anjos pretos, porém não existem anjos cinzas.

No mundo intelectual existe o absoluto afirmativo e o absoluto negativo, porém a dúvida não existe.

No mundo moral existe o bem e o mal, porém não existe meio.

No mundo da ação toda atividade e a vida, porém a inação e a morte. Jesus aceita o quente e o frio, porém rejeita o que é morno.

CAPÍTULO XI

A FORÇA E SEUS AUXILIARES

I

Toda força requer um impulso; necessita uma ação e se apoia sobre uma resistência.

II

Toda força domina a inércia, toda inércia suporta a força.

III

Toda ação repetida determina uma força, a força contínua, por mínima que seja, triunfa sobre toda inércia.

IV

Os atos mais indiferentes em aparência, dirigidos por uma intenção e repetidos com persistência fazem triunfar esta intenção. É por isso que todas as grandes religiões tem multiplicado suas práticas e atribuem grande importância a estas práticas. Um machado atirado por Hércules não furaria a massa de uma rocha, mas uma gota de água que cai no mesmo lugar, hora após hora, termina por escavar uma abóbada imensa de pedra.

V

As práticas supersticiosas são tão eficazes como as práticas religiosas, mas apresentam maior perigo porque não estão reguladas pela autoridade legítima.

VI

Fazendo regularmente o que ele mesmo chamava seus exercícios, Santo Inácio terminou por ver distintamente a Virgem. Na "cova" de Mauresa, praticando os ritos do tauróbolo, o imperador Juliano

viu pessoalmente os deuses do antigo Olimpo e, sujeitando-se as cerimônias do Crimório, os feiticeiros obstinados terminam necessariamente por ver ao diabo.

VII

Toda força necessita uma debilidade; se exerce sobre uma debilidade e triunfa por uma debilidade.

VIII

A maior das debilidades humanas é o amor, mas é com sua mediação que a força humana tem realizado os maiores milagres.

IX

O entusiasmo multiplica as forças da alma e o entusiasmo é excitado quase sempre por uma quimera.

X

Eu que escrevo estas linhas, me sacrifício há quarenta anos em trabalhos ingratos porque creio em sua utilidade, como se tudo o que penso e tudo o que escrevo não houvesse sido pensado e escrito inutilmente por outros.

XI

Se o homem não tivesse um grão de loucura, não faria uso de sua razão senão para livrar-se de todas as penas e desconfiar de todos os prazeres; mas então, não viveria; vegetaria encerrado em sua concha como um molusco.

XII

A maior sabedoria do homem é escolher bem sua loucura.

XIII

Salomão disse: entre todas as mulheres eu não encontrei nenhuma. A isto a fria razão contestaria: tomemo-las todas pelo que valem. Mas a suave loucura do amor protesta e diz: se temos escolhido mal, escolhamos novamente; depois a sabedoria agrega: vivamos de nossos sonhos, não morramos deles.

XIV

É o que ocorre com as religiões. Entre todas, nenhuma é razoável, dizia Voltaire. Eu bem o creio. São razoáveis as mulheres? A religião e a mulher do nosso espírito. Não se pode ser, por sua vez, de todas as religiões; e nossa alma tem necessidade de praticar uma.

XV

Então, se se deseja um culto eficaz, tem-se que ser um mago ou católico, o que é no fundo a mesma coisa, porque a religião católica é a magia regularizada e vulgarizada.

XVI

Qual é a força que nos faz desejar a uma mulher? A paixão. Bem, a religião católica só é uma religião apaixonada; é insensata e, por isso mesmo, invencível pela razão, zelosa, exclusiva e, por isso mesmo, fascinadora. Só ela faz milagres e nos faz tocar a Deus!

XVII

Mas a religião e a mulher preferida são como a esfinge: tem-se que adivinhar seu enigma ou perecer; tem-se que possuí-las e não ser seus escravos; tem-se que compreender e não suportar seus mistérios. Há que ser seu senhor, no fim, como Ulisses se tornou senhor de Circe. QUI HABET AURES AUDIENDI AUDIAT.

XVIII

Para o sábio, os sacerdotes são os ministros; quer dizer, os servidores da religião; não são nem seus árbitros nem seus senhores.

XIX

Nossa consciência pode ter necessidade de ser esclarecida, mas não deve dirigida senão pela razão unida à fé.

XX

Há que se tomar conselho de um homem esclarecido e desinteressado, de um homem livre e prudente, o qual, tendo em vista a organização atual do clero, não se encontra nem sequer entre os sacerdotes. Não há coisa mais insensata, quando se vê mal, que tomar por guia um cego, unicamente porque está tonsurado e leva uma túnica branca sobre um traje negro.

XXI

A religião sanciona o dever. Mas ela já não é um dever como o amor. É um socorro oferecido a nossa debilidade. É uma necessidade da alma. É um arrebato do coração ou não é nada.

XXII

Pode-se ir mais além da razão, mas nunca contra a razão; mais distante que ciência, mas nunca apesar da ciência. Desta maneira se destrui a si mesma provando-se evidentemente falsa. Então, já não é um auxiliar da força; transforma-se em uma enfermidade do espírito e uma debilidade da alma.

XXIII

Para que os contrários se afirmem, seja simultânea, seja separada e alternativamente, é absolutamente necessário que não sejam contraditórios.

XXIV

Quando o entusiasmo nos empurra além da razão, parece negar a razão, mas quando a razão vem por sua vez corrigir os erros da fé , parece rechaçar a fé. Uma e outra, no entanto, nos conduzem por sua vez ao progresso; como na marcha nos apoiamos alternativamente nas duas pernas.

XXV

O homem que caminha não se apoia nunca senão sobre um pé de cada vez. Aquele que apoia ao mesmo tempo os dois pés no chão não caminha. Mas o erro de muitos homens é querer servir-se exclusivamente de razão ou da fé e assemelhar-se assim a um menino que não quisesse caminhar senão sobre um pé somente.

XXVI

Quando se ama não se raciocina. Quando se raciocina parece que não se ama. Quando se raciocina depois de haver amado, compreende-se porque se amava. Quando se ama depois de haver raciocinado, se ama melhor. Eis aqui o sendeiro do progresso das almas.

XXVII

Quando se tem um pé sobre o qual não se pode apoiar-se sem cair, há que cortá-lo, disse Jesus Cristo. O remédio é violento e Jesus Cristo dizia isto, sem dúvida, porque em seu tempo não se havia inventado a ortopedia. Mas tem-se seguido demasiado seu conselho e é por isso que a Igreja coxeia do lado da razão e a filosofia coxeia do lado da fé.

XXVIII

Atar, juntas, as duas pernas seria como torná-las uma; e, isto tornaria impossível o caminhar. Para que as duas pernas prestem mútuo socorro, é preciso que estejam separadas e absolutamente livres uma da outra. É o mesmo para a razão e para a fé. Impor crenças à razão é pedir a fé demonstrações científicas é paralisar uma pela outra. Quando se tem uma perna que atrapalha a outra, se é coxo; e, o grande problema atual é encontrar a ortopedia das almas. Aqueles que compreenderam nossos livros eu tenho, quiçá, o direito de dizer-lhes: EUREKA! Estabelecer que a solução de um problema é necessária é provar que ela é possível, e provar que é possível é dá-la.

XXIX

Conciliar a fé e a razão é crer que o dogma universal, sob suas formas diversas, é a expressão progressiva das aspirações humanas em direção é Divindade; aspirações que não são nem fictícias em suas fontes nem arbitrárias em suas formas; aspirações que provém de Deus como todas as formas da natureza; que assim o dogma esta revelado e se revela sempre; porém que os símbolos não são definições científicas, as alegorias históricas, os sacramentos, operações físicas e que os evidentes absurdos de forma, frente as apreciações racionais, provam que tem-se que buscar em outra parte e mais acima, as realidades ocultas sob este misterioso ensinamento.

XXX

A conseqüência desta crença razoável é a catolicidade verdadeiramente universal, porque não há mais que uma revelação como não há mais que um Deus. Somente os cultos diferem como os símbolos e como os homens, mas a graça de Deus habita, para o justo, tanto a sinagoga como na religião, ainda que exterior, e será, tarde ou cedo, uma conseqüência da unidade na civilização. Pois bem, ninguém nega a beleza, a simplicidade, a majestade e a influência profunda nas almas, do culto católico, em outro tempo romano; é pois, ele, que prevalecerá porque oferece à força do mundo os mais poderosos auxiliares. Mas, como dizia seu fundador, é preciso que morra sob sua forma humana, quer dizer temporal, para ressuscitar em seu poder espiritual e divino. E, Lictor expedi crucem!

CAPÍTULO XII

A PAZ PROFUNDA

I

Todos os sofrimentos de nossa alma provém do extravio de nossos desejos e de nossa obstinação em realizar mentiras.

II

Todos os sofrimentos de nosso coração provém de que amamos para receber e não para dar, para possuir e não para melhorar, para absorver e não para imortalizar.

III

Para ser feliz não se deve cobiçar nada, desejar nada com obstinação; mas é necessário obedecer a lei, querer o bem e esperar a justiça.

IV

Não há que identificar-se com nada corruptível, atar-se a nada do que é passageiro, deixar absorver sua vida por nada do que é mortal.

V

Deve-se amar a beleza, a bondade e o amor que são eternos.

VI

Deve-se amar a amizade em nosso amigo, a juventude e a graça em nossa amiga. Há que se admirar nas flores a primavera que as renova; não se surpreender ao ver flores que murcham e mortais que se transformam.

VII

Há que se beber o vinho quente quando é bom e rejeitá-lo quando está azedo.

VIII

Não se deve chorar o formoso cordeiro que se tenha comido.

IX

Deve-se dar de bom coração a quem achou a moeda de ouro que se tenha perdido.

X

Se vemos morrer a árvore que plantamos, contentemo-nos com a madeira morta e plantemos outra.

XI

Não murmuremos jamais se possuímos o que temos escolhido.

XII

Quando nossa sorte não surge de nossa eleição, tiremos dela o melhor partido e esperemos trabalhando.

XIII

Busquemos a verdade com simplicidade sem nos apaixonar por uma idéia ou por uma crença.

XIV

Não discutamos jamais com ninguém. Sobreexcitando o amor próprio, a discussão produz a obstinação, inimiga da verdade e da paz.

XV

Não nos indignemos jamais; nada merece nossa indignação e nada nos dá o direito de nos indignarmos. Os crimes são catástrofes e os malvados, enfermos que se deve evitar sem odiar.

XVI

Não odiemos a ninguém nem tenhamos jamais ressentimentos. Os que nos fazem mal não sabem o que fazem, ou cedem a arrebatamentos que os fazem mais desgraçados que nós.

XVII

Amemos sempre. Sendo o amor imortal, seu objeto não poderia morrer; mas os amores da terra não continuam mais que sobre a terra. O ser amado que morre para a vida individual, vive todavia e mais do que nunca na vida coletiva e é certamente a ele, a quem amamos no objeto de um novo amor.

XVIII

Pobre marido que chora e que crê que sua mulher esteja morta! Ela voltará, espere-a: se foi para mudar de traje.

XIX

Nós somos os outros e os outros são, todavia, nós.

XX

Passados vinte anos, há muito poucos homens e mulheres que se lembrem ainda e que queiram ressuscitar para voltar a possuir-se.

XXI

Também é raro que, quando se teve na juventude uma paixão infeliz, depois de vinte anos se sinta não haver desposado a pessoa que se desejava então com tanto ardor.

XXII

As eternidades do amor sexual são eternidades de sete a dez anos.

XXIII

Tudo isto será esquecido na outra vida e voltaremos a encontrar a frescura de uma vida nova e a casta ignorância da infância.

XXIV

A eminência eterna é o esquecimento, porque a recordação seria quase sempre, o desgosto, ou o remorso.

XXV

Não teria jamais penas morais o que possuísse poder de esquecer.

XXVI

O único a quem não se pode nem se deve esquecer jamais é a Deus; porque, está necessária e absolutamente presente em todas nossas existências sucessivas.

XXVII

É em tudo o que amamos, buscamos unicamente um encanto que vem de Ele, que permanece em Ele, e que sempre voltaremos a encontrar.

XXVIII

Há sobre os seres que nos são simpáticos um certo sinal que reconhecemos como sinal de família e em todas suas transformações voltaremos a encontrar sempre aos nossos.

XXIX

Mas este sinal pode afirmar-se sobre tal ou qual, e depois de uma revolução de existência, não nos lembramos mais daquele ou daquela como se nunca houvesse existido para nós.

XXX

Não choremos, pois, nunca a ninguém. Voltaremos a encontrar sempre aos que sempre devemos amar.

XXXI

Os verdadeiros amigos não estão nunca separados realmente. Deus preenche todas as distâncias e não deixa vazio entre os corações.

XXXII

Suportemos valentemente o castigo de nossas faltas e deixemos de nos envergonhar por eles uma vez que já a tenhamos reparado.

XXXIII

Diz um provérbio vulgar que o inferno está pavimentado com boas intenções. Isto não é verdade. Brilham no céu as boas intenções que produziram sobre a terra as ações ineptas, e o inferno esta pavimentado com as más intenções que queriam encher o céu de falsas virtudes.

XXXIV

O retorno ao bem é preferido à inocência no Evangelho, o que é justo, porque a vida e um combate e a inocência não é uma vitória.

XXXV

A cada um nesta vida, Deus dá um animal para domar. Os mais favorecidos são aqueles que lutam contra um leão! Que glória possuem os que não tenham que domar mais quem um cordeiro?

XXXVI

Não sejas estranho a nada do humano e alternai prudentemente o emprego de tuas forças. O estudo te absorve demasiado, busca distrações. Temperes a sabedoria com alguma loucura voluntária. Se as coisas da inteligência te desgostam da vida material, imponhas-te por penitência, partidas de prazer e entretenimentos alegres. Como o bom La Fontaine; ponde nos pratos da mesma balança, Santo Agostinho e Rabelais. Poderás então admitir à Buruch sem perigo para tua razão.

XXXVII

Disse Salomão que o temor de Deus é o começo da sabedoria. Jesus invocou o amor de Deus que, Segundo São Paulo, pode substituir a sabedoria; e, a alta iniciação ensina a identificação do homem com Deus, que é a consumação eterna da sabedoria e do amor.

XXXVIII

"Paz profunda, irmão, disse um padre, Crê? Quando, ao saudar a outro, esse responde: "Emanuel!", quer dizer: "Deus está conosco!".

XXXIX

Deus está com os justos e nos justos, nos sábios e com os sábios. A religião é a escada de Ouro que Jacob viu em sonhos e que comunica o céu com a terra; mas os bonzos, os marabutos, os brahmame, os faquires, os rabinos, os ulemas e os monges querem transformá-la na torre de Babel que introduz a confusão nas idéias, faz ininteligíveis as palavras e divide as nações. O sacerdócio é o verdadeiro bicho roedor da árvore das crenças universais. Assim, o Cristo propôs a si a missão de destruir o sacerdócio e de substitui-lo pelo presbiteriado; quer dizer, pela liberdade organizada sob a presidência dos anciãos. O sacerdócio como casta, o sacerdócio como profissão lucrativa, o sacerdócio autocrata das consciências, o sacerdócio usurpador das coisas temporais, eis o que o cristianismo devia destruir; e eis aqui o que os homens tem restabelecido descaradamente em seu nome. Por ele o socialismo teria substituído ao Cristianismo. É um nome novo representando a mesma idéia. Então, o socialismo realizado será o Messianismo, mas este nome ininteligível para o vulgo é sagrado para os eleitos, quer dizer, para os iniciados. O exclusivismo religioso é da competência dos impérios sacerdotais. Dizem: "Tomai meu unguento, que o do meu concorrente é veneno". Comerciantes de água de Colônia, eu sou o verdadeiro João Maria Farina. Inutilmente

tentou Jesus expulsar os mercadores do Templo; não teve êxito. Ilegal e imprudentemente os transformou um dia, mas a justiça foi feita: crucificou-se o perturbador e a ordem se restabeleceu. Enquanto a religião for pretexto de um comércio qualquer, não haverá religião séria. A liberdade comercial é um princípio e esta liberdade tem autorizado, até agora, a exploração da credulidade dos imbecis. Todos os que se fazem pagar por algo, vendem algo, e todos os que vendem algo, são mercadores. O sacerdócio é um comércio; o presbiteriano seria uma função respeitável porque não poderia ser retribuída. Quando São Paulo disse: "E preciso que o Sacerdote viva do altar", confundiu o presbiteriano com o sacerdócio. O sacerdócio antigo matava para comer; o presbiteriano de Jesus Cristo deixa-se matar para que os outros comam. Todo Sacerdote que vive do altar come a carne dos pobres e bebe o sangue do povo. Mas Jesus deu aos pobres e ao povo sua própria carne para comer o seu sangue para beber. É por isto que o reinado temporal de Roma terminou e que seu reinado espiritual deverá terminar pela usurpação da divindade e o ridículo, mais insuportável que a morte.

XL

No entanto, as magnificências do culto católico não devem terminar, como tampouco a mitologia antiga e os esplendores do Panteão de Fídias. Maria é tão imortal como a Vênus Urânia, cuja imagem, encontrada em Milo, indica com seus dois braços uma lira que lhe falta. Achamos a lira de Vênus eterna e devolveremos à Igreja Católica a ciência de seu dogma e as harmonias de seu culto. Pude julgar a arquitetura do templo e admirar seu conjunto porque é do próprio templo... Eu sou livre e vou aonde quero ir, mas, como o eterno me tem conservado o uso da razão, não posso ir nem é fealdade nem é mentira. Amo tudo o que é, porque para minha vista não existe o mal. Digo a verdade sem buscar aplausos e sem temer as injúrias. Vivi pobre e morrerei pobre, segundo o mundo; e, não obstante, sinto que estou rico de verdades, de independência e de razão. Tenho formulado coisas que Moisés e o Cristo haviam deixado adivinhar e nem por isso deixo de ser um homem hábil e tímido como um menino. A verdade não me pertence, e dou como a recebi; passou por meu espírito quase sem deixar vestígios nele, e se pudesse fazê-lo haveria preferido uma mentira que me desse admiradores e evitado as mais terríveis lutas de minha vida. Mas é preciso que cada um cumpra com seu destino. Piedade para aquele que se orgulha de algo! Tudo o que sobra ao homem do que amou é a retidão de suas intenções e a esperança de um destino melhor em seu futuro que ninguém pode prever e ao qual ninguém pode subtrair-se ou escapar.

ELIPHAS LEVI
20 de dezembro de 1870.

S.C.A. SOCIEDADE DAS CIÊNCIAS ANTIGAS
http://www.geocities.com/Athens/2341/
RocketEdition™ eBooksBrasil.com
Aurum nostri non est aurum vulgi
Abril 2000